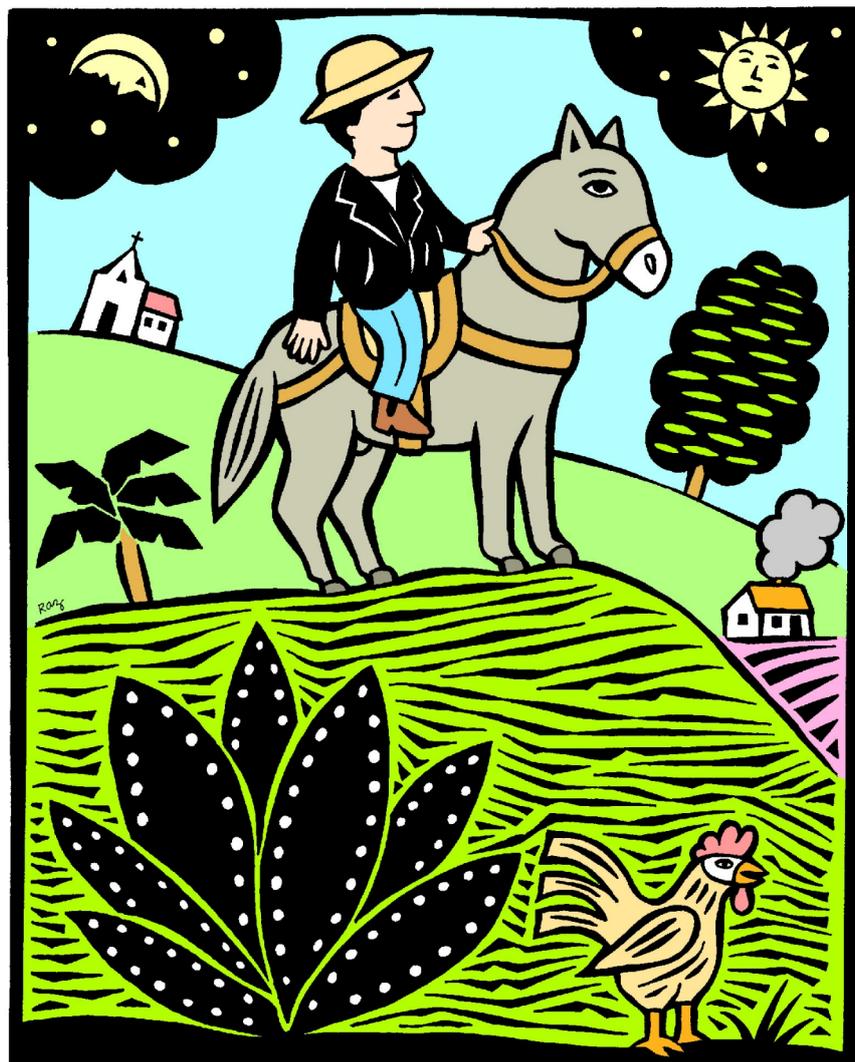


RECONTOS DA NARRATIVA POPULAR



EDIÇÕES
AEILIJ

**RECONTOS DA
NARRATIVA POPULAR**

EDIÇÕES AEILIJ

1ª EDIÇÃO

2021

© Edições AEILIJ, 2021

Todos os direitos reservados

Texto © Os autores

Ilustração de capa © Ricardo Azevedo

Coordenação AEILIJ Cursos: Flávia Côrtes & Severino Rodrigues

Curso A Narrativa Popular: Ricardo Azevedo & Susana Ventura

Organização da coletânea: Susana Ventura, Flávia Côrtes & Severino Rodrigues

Revisão: Os autores.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Recontos da narrativa popular [livro eletrônico] / [organização Susana Ventura, Flávia Côrtes, Severino Rodrigues ; ilustração Ricardo Azevedo]. -- 1. ed. -- São Paulo : AEILIJ, 2021.

PDF

Vários autores.

ISBN 978-65-89770-00-8

1. Contos - Coletâneas - Literatura infantojuvenil

2. Contos populares - Literatura infantojuvenil I. Ventura, Susana. II. Côrtes, Flávia. III. Rodrigues, Severino. IV. Azevedo, Ricardo.

21-58918

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Antologia : Literatura infantojuvenil 028.5

2. Contos : Antologia : Literatura juvenil 028.5

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	05
-------------------	----

PARTE I – NOSSAS RELAÇÕES COM CONTOS INDOEUROPEUS E TRADIÇÕES ANTIGAS

ESTHER E O GOLEM – Andrea Viviana Taubman	09
AS TRÊS CAPAS DO PRÍNCIPE – Anete Curte Ferraz.....	15
SOFIA NO REINO DE HOLLELAND – Flávia Leal.....	20
OS SAPATINHOS VERMELHOS – Laiane Lima Freitas.....	26
EM CADA HISTÓRIA, UM CASTELO. EM CADA CASTELO, UM BILHETE. – M. Laurinda R. Sousa (Lau).....	32
PELE DE ASNO – Sandra Ronca.....	37

PARTE II – CONTOS QUE EXPLICAM NOSSO MUNDO

VOVÓ LIQUINHA E A LENDA LAGOA DO BONFIM – Eliete Marry.....	44
A LENDA DA LAGOA ENCANTADA – Léla Mayer.....	48
UMA FESTA ATRAPALHADA – Milene Barazzetti.....	52
A VOZ DA GRALHA-AZUL – Ross Mary.....	57
ECO, ECO... – Vera Crepaldi.....	62

PARTE III – CONTOS E CAUSOS DO NOSSO BRASIL

DEUS, O MUNDO E O BURACO DO RAIMUNDO –

Adélia Araújo.....67

UMA HISTÓRIA DE AMOR – Anna Renhack.....73

AS VIZINHAS DA VÓ JOVINA – Bruna Giordani.....78

FANDANGO MACABRO – Fernanda Hermes.....83

BICHO MANJALÉU – Iêda Carvalhêdo.....89

UM CAUSO DE DOIS IRMÃOS – Juliete Rosa Domingos.....93

RAIMUNDO E A IARA – Marilia Pirillo.....97

O SEGREDO DO REI – Mônica Albertino.....103

O CORONEL E A FLOR DO SERTÃO – Patrícia Montês.....107

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE PENA VERDE E FIEL –

Selma Lara.....113

PARTE IV – CONTOS PÓS-MODERNOS

A ONÇA E O BONDE – D. J. Galvão.....118

O REINADO DE RATOARO – Juliana Bumbeer.....124

A CARTINHA DO PRÍNCIPE – Patrícia Aparecida

Beraldo Romano.....129

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea é o resultado final do curso A NARRATIVA POPULAR, realizado durante a Pandemia do Coronavírus de maneira virtual. As limitações que todos vivemos criaram como contrapartida a possibilidade de participar de um curso com artistas de muitos pontos do país, juntos em torno de discussões sobre o universo dos contos e tradições populares. Ao final dos encontros, cada um dos autores que participa deste trabalho se debruçou sobre uma tradição e um conto de sua predileção e voltou do mergulho que fez no curso e na pesquisa individual com um reconto.

Nós, os editores, ao olharmos para o conjunto formado, vimos que era possível a divisão em quatro grupos: “Nossas relações com contos indoeuropeus e tradições antigas”, “Contos que explicam nosso mundo”, “Contos e causos do nosso Brasil” e “Contos pós-modernos”. No primeiro grupo estão histórias que revisitam tradições várias de diversos continentes e também as de autores clássicos como Charles Perrault,

Hans Christian Andersen e os irmãos Jacob e Wilhelm Grimm. No segundo grupo estão aquelas que explicam o nosso mundo, construídas a partir de lendas e contos etiológicos. No terceiro grupo estão as histórias com marcas muito brasileiras, ligados por vezes a questões históricas e sociais ou tomadas das tradições de outros continentes, ressignificadas por um olhar brasileiro. Por fim, no último grupo, estão as criações que utilizam procedimentos pós-modernos como a paródia num sentido amplo (canto ao lado de outro canto, incorporando a louvação ao passado), as narrativas que retomam a tradição a partir de um ângulo inusitado (originalmente secundário) e a sátira.

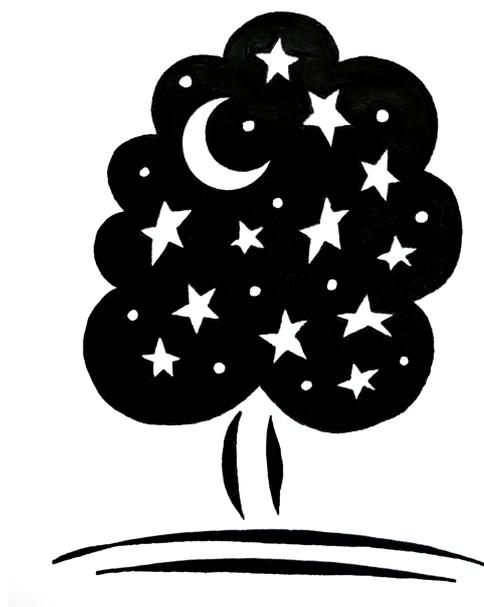
Várias das histórias reúnem características de mais de um grupo e por isso optamos por colocá-las onde suas qualidades mais marcantes possam estar em relevo.

O resultado que se apresenta aos leitores é um conjunto consistente e variado, mostrando personalidades individuais em diálogo tanto com a tradição quanto com a técnica, de autores/artistas que foram a fundo em estudo e pesquisa para realizarem seus trabalhos.

Para os editores, foi uma alegria trabalhar com o coletivo de criadores que respondeu com obras individuais ao que foi vivido durante os períodos do curso e da pesquisa que a ele se seguiu. O processo editorial ocorreu em diálogo com os criadores e o suporte escolhido para apresentação é o mais amplo e democrático possível neste momento: o livro digital.

Os Organizadores

PARTE I
NOSSAS RELAÇÕES COM CONTOS INDOEUROPEUS
E TRADIÇÕES ANTIGAS



ESTHER E O GOLEM

Andrea Viviana Taubman

Esther era famosa no *shtetl*¹ por sua teimosia. Yossi, seu marido, pela infinita paciência para com Esther. O luto vivido pelos filhos perdidos antes mesmo da troca dos dentes transformara o casal em fortaleza indestrutível. O primeiro anjo afogara-se no rio Vilna. O segundo asfixiara-se com o próprio vômito. O terceiro, esvaído em sangue pela tuberculose. Esther e Yossi eram imunes à maledicência dos vizinhos. Alguns atribuíam a morte das crianças a uma maldição decorrente da má conduta dela, que desobedecia ao marido.

Certa manhã, no início do inverno, Budeslaf despertara coberta pela primeira neve da estação. Uma semana antes, Esther ouvira dizer que o famoso Rabi Eliyahu HaLevi estaria por sete dias na capital. Corria à boca miúda que descendia diretamente do ramo do lendário Rabi Yehudá Loew. Diziam que esse antepassado do Rabi Eliahu teria sido o autor do feitiço que dera vida ao Golem de Praga, um imenso servo de barro animado

por um pergaminho criado pelo rabino ao invocar o nome do Deus dos Judeus. O rabino introduzia o mágico papel na boca do Golem, que passava a fazer todo o serviço pesado. Contudo, para guardar o *Shabat*, descanso sagrado dos judeus para honrar o sétimo dia da Criação, o rabino retirava o pergaminho da boca do Golem, tornando-o imóvel nesse intervalo. E, assim, o Rabi Loew partia para os ofícios sagrados na sinagoga.

Certa tarde de sexta-feira, porém, o rabino, apressado, cometeu um erro irreparável: esqueceu-se de retirar o amuleto da boca do Golem. Em pouco tempo, a criatura enfurecida saiu pelas ruas, deixando um rastro de ruínas e sangue, após destruir a casa e devorar todos os cães, gatos e galinhas de Rabi Yehuda. Por isso, no exato instante do começo da cerimônia, o rabino foi avisado que algo terrível acontecera em sua residência e que a força devastadora do Golem se espalhava pela cidade, diante da população petrificada pelo terror da bestial criatura.

O rabino lamentava o pouco que poderia fazer para evitar a tragédia sem pecar contra o quarto mandamento, quando percebeu que ainda não havia iniciado as preces do ofício e, portanto, não havia dado início ao descanso

sabático. Assim, correu até o Golem ficou paralisado ao vê-lo. Rabi Yehuda, então, retirou o papel que animava o gigante de barro, que, desfalecido, logo foi transformado em pó.

Dizem que, depois desse dia, o papel mágico passou de geração em geração na linhagem do Rabi Yehuda, mas que ele teria proibido nova invocação das palavras mágicas que animariam outro Golem.

Esther, no entanto, desconfiava dessa parte da história e desejava ardentemente trazer seus filhos mortos de volta à vida. Acreditava que o Rabi Eliahu também conheceria grandes feitiços, teria reanimado o Golem e poderia ressuscitar suas crianças sem que ela e o marido cometessem um terrível pecado ao invocar os mortos.

Amparada pela cumplicidade com o marido, contou-lhe o plano. Yossi argumentou que jamais apoiaria essa loucura da esposa e que não suportaria a solidão da viuvez, caso ela não voltasse da longa viagem. Esther nem cogitou desistir. Apenas comunicou ao marido que enfrentaria o desconforto, os perigos dos salteadores da estrada e o frio lancinante, mas que voltaria com a solução. Pediu que rezasse por ela e partiu em direção a Vilna.

Yossi permaneceu em Budeslaf, jejuou e rezou sem descanso. A lua já estava alta no céu da terceira noite quando ouviu a carruagem que se aproximava com dificuldade pela nevasca que havia recrudescido. Comovido, chorou.

Esther retornara viva da temerária jornada, mas trazia um semblante enraivecido. Em poucas e ásperas palavras, contou ao marido sobre o encontro com o tão celebrado rabino. Viajara por nada. Ele não passava de uma fraude, mais um disse-me-disse das fofoqueiras e dos maledicentes do *shtetl*.

Yossi, intrigado, pediu que Esther contasse todos os detalhes. Ela tirou o casaco e as botas congeladas, suspirou, aqueceu um pouco de água no samovar e repetiu cada palavra do rabino: que não seria necessário ressuscitar três crianças; pois se tratava da mesma criança que tentara retornar por mais duas vezes. E que, quando ele chegasse, deveria vesti-lo de linho branco por sete anos. O rabino também começara a balançar de olhos fechados, enquanto recitava os Salmos que diziam: “Senhor, meu Deus, em ti me refugio; salva-me e livra-me de todos os que me

perseguem”. Então Esther sentira-se mareada a ponto de desmaiar.

Após um lapso de tempo, retomou a consciência e, ainda zozza, ouviu Rabi Elihau dizer que deveria obedecer suas recomendações para destruir a maldição que sua irmã Rivka, que não conseguia dar filhos ao marido e a invejava como Raquel a Lia, havia lançado sobre sua descendência. Então, Yossi abraçou a esposa e, entre lágrimas e gritos de felicidade, comemorou a vinda de mais um filho, um milagre para o casal que já se sentia mais próximo ao fim do que ao início da vida. Esther olhou para a alegria do marido com indisfarçável tristeza. Não era ela que estava louca, louco estava o rabino. Aos cinquenta anos, fazia três luas cheias que não sangrava e por isso havia empreendido a fracassada jornada para ressuscitar os filhos mortos. Yossi e Esther passaram a madrugada consolando um ao outro.

No início do verão, celebraram o *Shavuot*² e a renovação de sua Aliança com Deus embalando o pequeno David em manta de linho branco.

(1) *Shtetl*: denominação ídiche para “cidadezinha”. Povoações ou bairros de cidades com uma população predominantemente judaica, principalmente na Europa Oriental, como, por exemplo, na Polônia, Rússia ou Bielorrússia, antes da Segunda Guerra Mundial.

(2) *Shavuot*: Pentecostes, a Festa da Colheita e das Primícias. É também a celebração da revelação da Torá, o livro sagrado, para os judeus.

Andrea Viviana Taubman é escritora e tradutora, com 17 livros publicados. Nasceu em Buenos Aires e vive no Brasil desde criança. Seu 12º livro, *Não me toca, seu boboca!* foi vencedor do Prêmio Neide Castanha de Direitos Humanos de Crianças e Adolescentes em 2018, na categoria “Produção de Conhecimento”. Este reconto foi inspirado na lenda judaica recontada pelo vencedor do Prêmio Nobel de Literatura, Isaac Bashevis Singer.

AS TRÊS CAPAS DO PRÍNCIPE

Anete Curte Ferraz

Era uma vez um reino coberto por densas sombras de infelicidade. A rainha, regente muito amada pelo povo, por mais que desejasse, não conseguia tornar-se mãe. Primeiro apenas entristecida, depois inconformada, não teve saída senão rogar aos seres mágicos da floresta por um filho. Nove meses depois nasceu-lhe uma criança, para alívio seu e de seus súditos, mas, assombrosamente, a criança não era como todas as outras nascidas no reino. O herdeiro do trono veio ao mundo com olhos, dentes e pele de serpente.

Os conselheiros reais decidiram matá-lo, mas a rainha não consentiu. O príncipe foi então trancafiado e abandonado na torre mais alta do castelo. E no reino ninguém mais falou sobre o nascimento.

Ao completar dezoito anos, o jovem príncipe chamou sua mãe na torre e anunciou que desejava se casar. A mãe tentou remover tal ideia do filho, argumentando que ele iria devorar sua noiva. O príncipe serpente, olhando a

rainha de forma incisiva, ameaçou devorá-la caso não lhe trouxesse uma noiva naquela noite.

Submissa, a rainha se viu obrigada a peregrinar pelas ruelas ao redor do castelo. Carregando um saco repleto de moedas de ouro, ela foi em busca de uma noiva para o príncipe. Mas, diante de proposta tão indecente, todas as portas se fecharam.

Ao cair da tarde, sem candidata à noiva, a rainha retornava ao castelo quando avistou uma casinha muito pobre no alto da colina. Subiu e bateu à porta. Uma viúva, mãe de três belas filhas, atendeu-a. Ao ver as moedas de ouro, os olhos da pobre mulher brilharam. Enviar uma filha para os braços do príncipe serpente? A mais velha das três aceitou imediatamente a proposta. Imaginou-se princesa, dona dos vestidos mais belos e das joias mais preciosas de todo o reino. Ouro, prata, pérolas. Com o consentimento da mãe orgulhosa de si mesma, acompanhou a rainha. Medo? Quase nenhum.

Perto do castelo, uma mulher curvada pelo tempo, coberta de trapos, dirigiu-se à jovem e a alertou sobre o grande perigo que corria. A jovem, no entanto, virou a cabeça com altivez e seguiu a rainha rumo ao seu destino.

Chegando ao castelo, ela recebeu um lindo vestido, joias e uma festa suntuosa. Quando soaram as doze badaladas, a corte se retirou, deixando-a sozinha no centro do salão de festas. Ela ouviu, então, uma voz que vinha do alto da torre ordenando que subisse.

A jovem seguiu a voz, esquecendo o temor à medida que contemplava suas joias reais e a elegância de suas vestimentas. No alto da torre, uma pesada porta entreaberta a esperava. Entrou. A porta fechou-se abruptamente. No dia seguinte, a rainha, que ansiava por notícias, subiu a escadaria e abriu a porta. Sobre a cama havia ossos, cabelos e sangue. De olhos arregalados, ouviu o príncipe insaciável exigir mais uma noiva.

A mesma cena de horror aconteceu com a segunda filha da viúva. Sangue, cabelos e ossos. E a exigência de uma terceira noiva. A viúva desta vez hesitou; sua filha mais jovem, porém, mesmo temendo, seguiu em frente. No trajeto rumo ao castelo encontrou a idosa maltrapilha. Parou para ouvi-la.

– Você foi gentil! Merece um conselho –, disse a velha.
– Ao chegar ao castelo, peça três vestidos: um branco, um azul e um amarelo. Vista-os um sobre o outro. Quando o

príncipe mandar você tirar o vestido, diga: Eu tiro, sim, mas antes você tira a sua pele.

A jovem agradeceu e obedeceu. As costureiras reais estranharam. Mas toda noiva tem seus desejos! À meia-noite, ouviu o príncipe bradando do alto da torre. Subiu a escadaria, com o coração acelerado pelo medo. Quando entrou no quarto, o príncipe ordenou que ela tirasse seu vestido. Com altivez, ela respondeu que o tiraria somente depois que ele arrancasse sua pele de serpente.

Surpreso, o príncipe arrancou a primeira capa de pele de serpente e jogou-a no chão, sentindo o corpo queimar de dor. Sobre a pele do príncipe, ela depositou o vestido amarelo. Ao ver o segundo traje, irado, ele ordenou que ela tirasse o vestido azul. E a jovem apontou para sua segunda capa. As grandes e pegajosas pedras que a formavam começaram a virar pó, ante o sofrimento do príncipe. Sobre o pó, que cobria o chão, a princesa colocou o vestido azul.

A percepção de mais um vestido, o branco, perturbou o príncipe. Com resignação e dor, ele arrancou a terceira capa. A pele de besta foi lançada aos pés da jovem princesa. Debaixo desta última capa, como por milagre, havia um príncipe humano, belo como costumam ser todos os

príncipes. Na sua vez, a jovem tirou o vestido branco. Da janela no alto da torre, a suave luz do luar irrompeu o quarto. E o jovem casal se amou naquela noite e por toda a eternidade.

Anete Curte Ferraz, gaúcha, professora aposentada pela Universidade Federal do Paraná e autora de literatura para crianças e jovens. Publicou em 2020 *Mahuru* (Editora Fatum Educação). O reconto *As três capas do Príncipe* faz parte do ciclo noivo-animal contido em coletâneas folclóricas e foi inspirado nas versões do contador de histórias Cadu Cinelli e do livro *O ofício do contador de histórias*, de Gislayne Avelar Matos e Inno Sorsy.

SOFIA NO REINO DE HOLLELAND

Flávia Leal

Em uma aldeia da província de Hessen, na Alemanha, morava uma viúva com duas filhas. Elas viviam em uma casa humilde, mas muito bem cuidada. A filha mais nova, Sofia, era obrigada a fazer todos os trabalhos domésticos sozinha. A mãe, Cíntia, não escondia a preferência por Eduarda, a filha mais velha. Eduarda era esnobe e preguiçosa. Enquanto Sofia trabalhava, Eduarda dormia, comia e falava mal dos vizinhos com a mãe.

O pai de Sofia e de Eduarda tinha morrido há alguns anos. As filhas nem imaginavam, mas Cíntia havia envenenado o marido. Desde a morte do pai, a vida de Sofia se transformara num pesadelo. Cíntia nunca gostou da filha mais nova, pois ela era muito parecida com o pai: tinha os mesmos olhos castanhos curiosos e amava ler, mais do que qualquer coisa.

Cíntia tentou queimar os livros do pai, mas Sofia implorou para que não fizesse aquilo, dizendo que faria tudo que ela mandasse desde que pudesse ficar com os

livros. Cíntia aceitou e, a partir daquele dia, Sofia se tornou a gata borralheira da casa. Mas, apesar de trabalhar duro durante o dia, à noite ela podia ler os livros do pai, que se tornaram seus únicos amigos.

Num dia como outro qualquer, Sofia foi buscar água no poço. Mas, enquanto puxava o balde com a água, ela se desequilibrou e caiu dentro do poço. Quando recuperou os sentidos, ainda um pouco tonta, percebeu que estava em um lugar diferente de tudo que já tinha visto. Era um bosque muito bonito, com flores e árvores frutíferas que falavam! E de um modo tão melódico, que mais parecia que cantavam. Os animaizinhos que passavam por ela também conversavam e riam da menina que olhava com espanto tudo ao seu redor.

Sofia beliscava os braços para ver se estava sonhando quando ouviu uma voz grave:

– Ei, ei! Eeei! Sim, você aí! Me ajuda aqui! Estou queimaando!

Sofia notou que era um pão que pedia ajuda para ser tirado de dentro do forno. No mesmo instante, ela o tirou e o pão agradeceu aliviado. Sofia continuou pelo bosque

quando ouviu uma árvore de maçãs cantando uma música que parecia direcionada a ela:

– Meniina de traanças, cheegue mais peerto. Estou carregadiinha, beem cheiinha. Me balança, me balança, me balança, para derrubar as maçããs maduriinhas.

Ela então sacudiu a árvore até todas as maçãs maduras caírem no chão.

Sofia seguiu em frente e viu uma bela casa amarela, de onde saía um delicioso cheiro de bolo. Ela se aproximou e uma velha dentuça abriu a porta. Sofia tremeu de medo, pois a velhinha era um pouco assustadora.

– Bem-vinda à Holleland, menininha! Me chamo senhora Holle. Pode ficar tranquila. Não precisa ter medo. Se você ajudar a cuidar da minha cama e sacudir com atenção o cobertor para que as penas saiam voando, você vai receber uma recompensa incrível!

A senhora Holle falou de um modo tão meigo que Sofia logo perdeu o medo e topou.

– É uma tarefa muito importante, pois só assim neva na terra! – disse a velhinha.

Mesmo não entendendo o que isso queria dizer, Sofia pensou que não tinha sido a coisa mais estranha que já

tinha ouvido naquele dia tão peculiar. A partir daquele dia, ela passou a realizar a tarefa pedida e ficou hospedada na casa da senhora Holle.

Os dias se passaram e Sofia continuava cuidando muito bem da cama e do cobertor. Ela comia gostosos bolos que a senhora Holle fazia e elas conversavam muito. A senhora Holle estava encantada com a inteligência da jovem. Mesmo assim, Sofia sentia falta dos seus livros, a única herança que tinha do pai. Ela disse para a senhora Holle que precisava voltar para casa e, com dor no coração, a velhinha compreendeu, levando-a até um enorme portão. De repente, Sofia se viu vestida com uma roupa inteiramente dourada, feita de ouro.

Ao atravessar o portão, ela estava de volta em casa. Quando a mãe soube como Sofia tinha ficado com tanto ouro, sentiu muita inveja e logo quis que Eduarda fosse também para Holleland. Eduarda, então, foi até o poço e se jogou nele. Como Sofia, acordou no bosque encantado de Holleland, mas diferentemente da irmã, não ajudou ninguém nem nada que lhe pediu socorro no caminho – nem o pão, nem a macieira – e se dirigiu diretamente à casa amarela.

– Eu que não vou perder meu tempo com esses inúteis! – vociferava Eduarda.

Quando soube que Eduarda era irmã de Sofia, o coração da senhora Holle se encheu de alegria, pois sentia saudades de sua amiguinha. Passou, então, a mesma tarefa a Eduarda de cuidar da cama dela e sacudir com atenção o cobertor para que as penas saíssem voando.

No primeiro dia, Eduarda fez tudo direitinho e com muita dedicação, pois só conseguia pensar na recompensa em ouro que receberia. Mas, a partir do segundo dia, ela se deixou dominar pela preguiça e não fez mais a sua tarefa. A senhora Holle ficou muito brava e levou Eduarda até o portão mágico. Mas em vez de se ver vestida de ouro, Eduarda foi inteiramente coberta de tinta amarela com bolinhas azuis, tinta esta que nunca mais saiu de sua pele.

Eduarda viveu assim os restos dos seus dias, enquanto Sofia guardou seus livros num velho baú e voltou à Holleland. Ao vê-la, a senhora Holle ficou tão feliz que construiu para ela a maior biblioteca já vista em todos os mundos! As duas viveram felizes em Holleland, compartilhando as leituras que faziam com todos os que ali chegavam.

Flávia Leal nasceu em Belém (PA) e mora atualmente em Porto Alegre (RS). Mestre em Educação (UFRGS). É editora, escritora e poeta. Em 2021 publicará o livro de poesia *Vertigem* (Editora Patuá) e a pesquisa desenvolvida no mestrado *Escolinha de Arte da UFRGS (1960-2011): 51 anos de arte/educação* (Editora Appris). Este relato é baseado no conto *A senhora Holle*, dos irmãos Grimm.

OS SAPATINHOS VERMELHOS

Laiane Lima Freitas

Era uma vez uma jovem, bela e sensível, que por falta de condições financeiras tinha de caminhar descalça no verão, e no inverno usava enormes sapatos feitos de madeira que a machucavam. Mas não demorou muito e uma velha sapateira que morava na aldeia fez sapatos na cor vermelha para a garota, que se chamava Karen. Isso aconteceu no dia em que Karen perdeu sua mãe. Calçando os sapatos que recebera de presente, a jovem acompanhou o caixão de pouca qualidade que levava a mãe.

Por sorte do destino, naquele instante, uma senhora rica notou a presença de Karen. A senhora esboçou um sentimento de compaixão e pediu a guarda da garota, prometendo ao padre que a cuidaria bem. A menina acreditou que os sapatos vermelhos tinham influência na adoção, que traziam bons ares. Em pouco tempo, Karen passou por mudanças nas vestimentas, e passou a usar roupas melhores, porém sem abrir mão de um novo par de sapatos vermelhos. Também praticava leitura e costura, e

as pessoas a elogiavam por sua beleza. O seu espelho dizia que era uma moça perfeita.

Em um dado momento, a rainha transitou pelo país com a sua filha. Mas ao invés da princesa luxuosa ser percebida, Karen roubava a atenção com seus sapatos vermelhos em frente ao palácio. Os novos sapatos eram mágicos, conseguiam desviar o olhar da população.

Com o avanço na idade da jovem, que já poderia ser crismada, deveria trocar de sapatos. O melhor sapateiro da cidade foi responsável por mostrar sua loja para Karen e a senhora. Karen se encantou com os sapatos vermelhos que haviam sido feitos para a filha de um conde, mas que não serviu. A velha senhora, coitada, enxergava tão mal que nem podia distinguir as cores e Karen aproveitou para comprar seus belos sapatos cintilantes. Assim, a menina esperta foi se crismar.

A igreja só tinha olhos para a menina, até os quadros de sacerdotes sérios. Mas a bela garota só pensava em seus sapatos vermelhos. Mesmo diante do padre, que falava palavras do sagrado batismo. A velha senhora também notou o comportamento de Karen, que ganhou um sermão pois esses modos não eram bem vistos pela comunidade.

Na missa seguinte, a menina, mesmo com a reclamação da velha, insistiu em calçar os mesmos sapatos vermelhos. As duas andavam por um atalho, ficaram cobertas de poeira. Chegando à igreja, um soldado barbudo limpou tanto os sapatos da senhora como os sapatinhos de Karen.

– Que sapatos lindos! Espero que se firmem no pé, principalmente, na hora de dançar – disse o soldado, encantado, dando palmadinhas na sola dos sapatos.

A menina estava tão vidrada em seus sapatos, que não se atentava à missa, nem de cantar o salmo e muito menos de rezar o “Padre Nosso”. No final, reencontraram o soldado:

– Que sapatos lindos para um baile!

Ao ensaiar passos de dança, Karen não conseguia mais comandar os movimentos dos pés. Dançando, ela não conseguia retornar ao carro. Foi o cocheiro quem a pegou e a colocou no automóvel. Mas seus pés não pararam de dançar até os sapatos serem retirados. Os sapatos foram guardados, mas Karen continuava com sua fixação.

A senhora ficou doente, correndo risco de morte. Karen ficaria responsável pelos cuidados durante o

tratamento. Mas a bela menina havia sido convidada para um grandioso baile. Ela decidiu que iria e que não havia mal em calçar os sapatos vermelhos. Mesmo com a senhora muito doente, a moça ignorou o problema e seguiu. Dançando, não conseguia fazer o que queria. Os sapatos a dominavam. Dançando, dançando, a menina foi arrastada para uma floresta medonha. De repente, o soldado barbudo apareceu e lhe disse: “Que sapatos lindos para dançar!”. Com medo, a menina quis se livrar dos sapatos. Continuou a dançar por dias.

À noite foi muito pior. Ainda dançando, Karen adentrou no cemitério. Estava cansada, tinha vontade de se sentar e descansar. Mas estava condenada a dançar. Na porta da capela que havia ali, encontrou um anjo com asas grandes. O anjo disse:

– Dançará para sempre até morrer.

– Por favor, não quero isso! – pediu Karen.

Comandada pelos sapatos, ela não ouviu o que o anjo respondeu. Os calçados faziam Karen dançar sem interrupção. Desesperada, Karen procurou o carrasco de uma aldeia e lhe implorou para cortar seus pés juntos aos sapatos vermelhos. Os pés saíram dançando pelo campo. O

carrasco, com pena da garota que amputou, esculpiu pernas de pau e muletas, também lhe ensinou um salmo que costumava ser cantado por pecadores. Depois disso, a menina foi à igreja, arrependida de todos os seus pecados.

Como redenção, Karen começou a trabalhar de empregada no presbitério. A menina tornou-se paciente e adorada pelas outras crianças. Mas quando as pessoas falavam em luxo, ela se entristecia. Karen não podia ir à igreja, devido às suas muletas. Sozinha, em seu quarto pequeno, lia o livro de salmos. Foi quando o mesmo anjo surgiu com um lindo ramo de rosas. Era como se a igreja tivesse vindo até a pobre menina. Com essa aprovação, Karen se sentiu melhor. Seu coração se inundou de sentimentos nobres. A paz invadiu seu ser. E as pessoas esqueceram e não perguntaram mais pelos sapatos vermelhos.

Laiane Lima Freitas é piauiense, professora e mestranda em Letras, com área de concentração em Literatura pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). O conto *Os*

sapatinhos vermelhos foi inspirado no original de Hans Christian Andersen.

EM CADA HISTÓRIA, UM CASTELO.

EM CADA CASTELO, UM BILHETE.

M. Laurinda R. Sousa (Lau)

Era uma vez um príncipe que queria encontrar uma verdadeira princesa e se casar com ela. Procurou por todo o reino. Mas, sempre havia problemas: todas tinham algo que lhe desagradava ou, então, ficava em dúvida se eram verdadeiras princesas.

Depois de muito procurar e não encontrar, voltou desolado para seu castelo.

E, então, numa noite de forte tempestade, aconteceu o inesperado.

Alguém bateu à porta.

Toc. Toc. Toc.

Os raios cortavam o céu e a água escorria pelas janelas e portas do castelo com tanta força que mal se ouviam as batidas. Elas se tornaram cada vez mais insistentes:

TOC. TOC. TOC. TOC. TOC.

– Quem é? – perguntou o príncipe.

– Sou eu, uma princesa que se perdeu nestas terras. Estava voltando para meu castelo e fui surpreendida pela chuva. Meu cavalo está muito cansado. Posso passar a noite aqui?

O príncipe abriu a porta e acolheu a jovem. Pediu ao cavaleiro que levasse o cavalo para a cocheira e cuidasse dele. Depois, acendeu a lareira do castelo e ofereceu à jovem princesa um delicioso jantar. Conversaram muito e contaram histórias sobre o que os dois mais gostavam de fazer: cavalgar pelos reinos e conhecer lugares diferentes.

A rainha, que morava no castelo junto com o príncipe, ouviu atentamente a conversa, mas, era muito desconfiada e ficou na dúvida se a jovem era mesmo uma princesa. Resolveu, então, fazer uma prova. Colocou um grão de ervilha no estrado da cama e em cima arrumou vinte colchões cobertos com vinte edredons de penas macias. Se ela fosse uma verdadeira princesa, não conseguiria dormir. Seu corpo, tão sensível e delicado, perceberia o incômodo do grão de ervilha.

Na manhã seguinte, a princesa demorou para sair do quarto. A rainha e o príncipe ficaram preocupados e resolveram ver o que se passava. Bateram na porta:

Toc. Toc. Toc.

Ninguém respondeu.

Quando abriram a porta ficaram surpresos. Sobre o estrado estava o grão de ervilha e ao lado da cama os vinte colchões cobertos pelos vinte edredons.

Na cama, encontraram um bilhete:

Agradeço a hospitalidade. Apenas um colchão seria suficiente. E o grão de ervilha estaria melhor se fosse semeado nos campos do castelo.

A princesa não tinha gostado nada nada daquela história de um monte de colchões e um grão de ervilha. E nem estava interessada em se casar com o príncipe. De manhã cedinho, ela saiu pela janela e voltou para seu castelo onde tinha muitas coisas pra fazer: cuidar de seus cavalos, estudar, organizar as atividades com seus secretários e preparar outros roteiros de viagem.

O príncipe novamente ficou desolado. Tinha encontrado uma verdadeira princesa e ela tinha ido embora.

Montou em seu cavalo alado e saiu à procura dela. Atravessou terras e viveu muitas aventuras. Em seu caminho encontrou outros príncipes e princesas. Cruzou mapas e tempos e chegou até aqui.

Não é mais príncipe e nem tem um cavalo que sabe voar. Tomou gosto pelas viagens e quer mesmo descobrir novas terras e escutar muitas histórias. Tem um caderninho onde anota tudo que escuta. Um dia vai escrever um livro com todas essas aventuras.

E a princesa não dorme em colchões de pena e nem está à espera de príncipes que podem ser bem chatos. Em suas viagens, gosta de observar todos os castelos e casas que vão aparecendo em seu caminho. Faz desenhos das paisagens e, de brincadeira, deixa bilhetes em cada castelo que encontra:

Gostei da sua torre, mas pintaria de amarelo-ouro a parte de cima.

Faltam janelas no seu castelo; as pessoas que moram aí precisam admirar o lago que fica bem em frente.

As rosas de seu jardim são encantadoras!

E muitos outros, que você também pode inventar...

M. Laurinda R. Sousa (Lau) é psicanalista e escritora. Seu primeiro livro de crônicas é de 2005: *Mais além do sonhar* (Editora Marco Zero). Em 2019 publicou o livro de contos infantis: *Quem é você? E outras estórias* (Editora Chiado). O conto *A princesa e a ervilha*, de Hans Christian Andersen, faz parte das lembranças da sua infância; quando imaginar que pudessem desconfiar de uma verdade, sempre a impressionou.

PELE DE ASNO

Sandra Ronca

A história data de muito tempo. Havia um reino, que apesar de parecer distante, não era tão distante assim. Ali, viviam um rei, uma rainha e sua pequena filha. Extremamente próspero, tal fato se devia a nobre asno, que habitava o estábulo real. Obrava com zelo e reluzência: o feno que recobria sua baia amanhecia coberto de moedas de ouro. Uma dádiva!

Ocorre que a rainha contraiu uma doença cuja cura ouro nenhum poderia comprar. À beira de seu leito, o rei chorou por sete dias. A esposa, preocupada com o destino da filha, fez com que o rei promettesse não se casar novamente até que encontrasse alguém de amor verdadeiro, beleza e qualidades como as suas. O rei, em desespero, concordou e a mulher faleceu.

Anos se passaram. Fiel à sua promessa, o rei, em solitário sofrimento, arrastava-se pelos cantos, curvo como um salgueiro. A princesa, por sua vez, crescia, e tinha uma alegria de viver cativante. Cada vez mais, parecia-se com a

mãe. Isso era visível e sussurrado pelos corredores. Os ventos do palácio, a fim de enlevar o rei, trazer-lhe esperança, lhe sopravam boas palavras. Porém, o rei já estava doente das ideias e estas lhe chegavam embaralhadas.

Quando a filha ultrapassou a marca de qualidades que a equiparavam com a mãe, o rei delirou: queria desposá-la. Os conselheiros lhe mostraram o absurdo: era um desatino e era contra a lei. Doente e com ideias confusas a sustentar sua coroa de poder, resolveu modificar a lei. Os conselheiros tentaram dissuadi-lo, mas como só sabiam aconselhar, calaram-se. Foi um silêncio escuro, o mais tenebroso da história.

Ao ser pedida em casamento, a princesa entrou em desespero tão grande e invocou sua madrinha. Esta, acreditando ser inviável ir contra a lei, aconselhou-a:

– Peça uma coisa impossível. Como um vestido tecido com o brilho da Lua!

A princesa assim o fez. Imediatamente, o rei acionou costureiros, artesãos e alquimistas que, chegaram ao resultado: um delicado vestido, que suspirava por si só.

Era de se sonhar acordado, mas a princesa vivia um pesadelo real. A madrinha, nervosa, sugeriu:

– Peça outro impossível! Um vestido bordado com fios de Sol! É isso! Peça!

A princesa novamente o fez. E, logo, um vestido maravilhoso com brocados de ofuscar a vista lhe foi entregue. Como nada surtia efeito, a madrinha propôs num impulso:

– Peça a pele do asno! Ele não terá coragem de sacrificá-lo em nome de tolices!

Não? Pois o rei, em delírio, o fez: colocou, aos pés da moça, a pele do asno. O arquiduque, amigo e conselheiro do rei, esbravejava:

– Uma asneira! Grande asneira! Literalmente!

O impossível acontecera. A solução foi fugir dali, coberta com a pele inerte do animal. A madrinha, parte conselheira, parte fada, entregando-lhe uma varinha, alertou que seus vestidos de luz e suas joias a acompanhariam sob a terra, ou através de um lugar que nossa mente não alcança, dentro de um baú entalhado em madeira nobre com ferrolhos em ouro.

A não mais princesa foi para muito longe até gastar seus sapatos. Chegou, pés no chão, aos confins do mundo possível. Com sua trágica beleza escondida sob a pele, ficou conhecida como Pele de Asno. As pessoas se afastavam dela, a julgavam suja e insana. Porém, um fazendeiro que se apiedara dela lhe ofereceu trabalho, comida e moradia. Cuidaria dos porcos e das galinhas. Seu casebre era vizinho ao chiqueiro e afastado da casa principal.

Um dia, o príncipe, dono daquelas terras, resolveu conhecer o mundo que possuía. Chegando à pocilga, viu os porcos bem cuidados e aseados, estranhou e quis saber quem era o encarregado. Contaram-lhe sobre Pele de Asno. Acreditando ser uma invenção estapafúrdia, foi até o casebre onde morava a moça. Viu brilho saindo pelas frestas da porta. Espiou e surpreendeu-se com um lindo ser transbordante de luz. Pele usava o vestido cor do Sol.

O príncipe ficou encantado, doente de amor. Adoeceu mesmo! A rainha ficou aflita. Médicos e conselheiros chegaram ao veredicto: adoecera por vontade interrompida. Que vontade? Ninguém sabia. Agora, o príncipe ansiava por uma torta feita por Pele de Asno.

Pedido estranho, mas, para Pele, fácil de ser atendido. Intuída, banhou-se com alecrim, colocou seu vestido de Sol, ajeitou os cabelos e, só então, preparou a massa. Tão absorta em pensamentos, não percebeu que o pequeno anel que portava havia sido assado com a torta.

Quando o príncipe provou a iguaria, encontrou a joia e a guardou. Meses depois, novo rebuliço: o príncipe queria casar-se com a dona do anel. Como não abandonava tal fixação, a rainha cedeu e organizou um grande baile. Todas as moças do reino foram convocadas.

No auspicioso evento, as pretendentes experimentavam o anel que não cabia em dedo algum. A última a se apresentar foi Pele de Asno. Rodeada de testemunhas, com suavidade, colocou o anel. A pele do asno tombou, deixando à mostra seu vestido fulgurante de sol. Todos se curvaram ao perceber sua beleza e delicadeza, na forma de caminhar, falar e sorrir.

O casamento aconteceu. Vieram todos de muitos reinos. Foi uma festa que durou até o Sol se pôr no sexto dia. Antes das bodas, porém, a princesa, com muito respeito e zelo, deu um descanso à pele do asno,

enterrando-a aos pés de um salgueiro chorão. E deu-se, então, o direito de ser feliz.

Sandra Ronca é carioca, escritora e ilustradora de Literatura Infantil. Publicou seu primeiro texto em 2008. O conto *Pele de Asno* foi publicado pela primeira vez em 1694, por Charles Perrault. Desde então, recebeu várias versões, tendo sido adaptado para o cinema, em 1970, por Jacques Demy. A glamorosa filmagem permaneceu no imaginário da autora que resolveu resgatar o conto original.

PARTE II
CONTOS QUE EXPLICAM NOSSO MUNDO



VOVÓ LIQUINHA E A LENDA DA LAGOA DO BONFIM

Eliete Marry

Era uma vez, há muito tempo, (como hoje também), uma avozinha cheia de habilidades em cativar seus netos. Certa vez, vovó Liquinha recebeu os netos para passarem o fim de semana no sítio em que ela morava.

O dia passou num instante e, depois de muita diversão e alegria, comidas deliciosas e brincadeiras de adivinhas, chegou a hora de dormir. Mas as crianças não tinham sono!

Então, a vovó falou que era preciso dormir, pois, no dia seguinte bem cedo, fariam um piquenique numa lagoa ali perto.

As crianças disseram:

– Só vamos dormir depois que a senhora nos contar uma boa história!

A vovó disse:

– Está bem, eu conto. Mas, atenção: agucem os ouvidos para apreciar as vozes dos seres encantados.

Abram e fechem a boca quando for preciso para degustar o banquete da imaginação. E, por fim, aqueçam os tambores do coração para nele guardarem a magia dessa história!

E então contou:

Certa vez, pelas bandas de Papary, viveu um casal com seus três filhos, dois meninos e uma menina. Um dia a mãe acordou cedinho, pois precisava lavar as roupas num riacho ali perto da casa. Preparou o café e o almoço do marido, que logo saiu para o trabalho na roça. Depois disso ela pegou a trouxa de roupas e saiu com os três filhos em direção ao riacho.

Lá chegando, percebeu que, devido a pouca chuva, o córrego estava quase seco. Mal daria para tirar água para se beber e muito menos para lavar as roupas!

Decidiu caminhar um pouco mais adiante em busca de outros riachos. Andou, andou, andou e, como quem procura acha, encontrou um olheiro de águas cristalinas como a luz de um dia de sol forte e brilhante. A mulher ficou feliz demais com aquele achado e logo se agachou e começou a lavar as roupas, cantarolando, esbanjando felicidade, como fazem as lavadeiras em dias de sol e água farta!

As crianças brincavam e saciavam sua sede e, quanto mais brincavam, mais água tomavam. Eles batiam com uma cabaça no

chão e achavam graça, pois quanto mais batiam, mais água jorrava. Porém, bateram tanto que, no meio daquela alegria e diversão, quando se deram conta, as águas já os cobriam. A mãe, em desespero, pegou a filha menor, enganchou-a nas costelas e saiu correndo. Os dois filhos também correram atrás da mãe, apavorados, sem saber direito para onde ir. Todos corriam mas, por onde quer que fossem, caminhos de águas se formavam e, em ondas, os caminhos se encontravam, formando uma ponta, duas pontas, três pontas, até que já havia sete pontas de água na direção deles, perseguindo-os. Eles foram engolidos pelas águas e transformados em uma enorme serpente encantada, toda colorida. O couro era uma linda aquarela de cores brilhantes e atraentes. Dizem que essa serpente só aparece em noites de lua, iluminando as águas da lagoa que ficou conhecida como Lagoa do Bonfim.

Os quatro membros daquela família tiveram um bom fim e nos deram um bom começo: ao serem transformados num único corpo feito de sete direções, fizeram as águas brotarem de sete pontas. A Lagoa do Bonfim, hoje, sacia a sede de mais de trinta cidades do Rio Grande do Norte.

Ao ouvir o rressonar dos netinhos, a vovó Liquinha acabou de contar a história. Os meninos já haviam fechado

os olhos, talvez para sonharem com novas histórias... Eu não tenho certeza... E você, tem?

A vovó parecia ter a certeza do amor. Beijou as pequenas testas murmurando:

– Dessa história eu me lembro bem!

Eliete Marry, é Lagoanovense, residente em Nísia Floresta, RN. É autora do livro infantil *Poemas encantados da Fadinha Lily*. Agraciada com o Prêmio Melhores do Ano 2018, na categoria: Contos infanto-juvenil. O reconto *Vovó Liquinha e a Lenda da Lagoa do Bonfim*, apresenta uma lenda da tradição oral, contada constantemente pelos mais antigos moradores da cidade de Nísia Floresta.

A LENDA DA LAGOA ENCANTADA

Léla Mayer

Meu avô era desses gaúchos que, inverno e verão, usava bota, bombacha e lenço no pescoço. Adorava desfiar suas histórias, sentado próximo ao fogo de chão, sempre com seu amargo chimarrão na mão. Acho que o calor do mate aquecia as memórias que teciam suas narrativas. As histórias, narradas de boca e memória por ele, eram de um repertório sem fim. As que eu mais gostava se passavam nas margens de uma Lagoa Encantada.

Contava meu avô que, perto da fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina, existia uma lagoa de água salgada como o mar. Dizem que a lagoa encantada guarda em suas profundezas histórias de mistério e magia.

Vovô dizia, e seus amigos confirmavam, que quando as estrelas cintilavam à noite, ninguém passava perto da tal lagoa. Falavam também, que aqueles que se aventuravam em passar por lá, quando a lua ia alta no céu, podiam ser atingidos por bolas de fogo, que saltavam do fundo da lagoa para cima das costas dos caminhantes e cavaleiros.

Vô Benito contava ainda que, em períodos de seca, quando as águas da lagoa baixavam, podia-se avistar uma grande corrente, grossa e enferrujada. Via-se apenas uma ponta da corrente, porque a outra ficava lá, mergulhada no fundo da lagoa. Homens e mulheres, jovens e idosos, com ajuda de cavalos, burros, juntas de bois, já tentaram puxar a corrente para fora da lagoa. Mas, até hoje, ninguém conseguiu.

A história que eu mais gostava, no entanto, era aquela que contava porque suas águas tornaram-se salgadas. Dizia vovô, sempre com seu chimarrão na mão, que naquela região, nos tempos de antigamente, havia uma aldeia Charrua.

Nessa aldeia, vivia uma jovem chamada Poty-Poran. Muitos homens da aldeia eram apaixonados por ela e faziam de tudo para agradá-la. Os mais valentes procuravam realizar os feitos mais extraordinários para chamar sua atenção e conquistar seu coração arredo. Mas, o coração de Poty-Poran já tinha dono.

Vovô dizia, como se contasse um segredo, que certa vez, Inhancá-Guará, um guerreiro charrua, apaixonado por Poty-Poran, viu nas margens da Lagoa Encantada um

cavalo sem igual, de crinas prateadas e de um pelo muito negro, brilhante e macio como veludo. Inhancá-Guará pensou em jogar as boleadeiras no animal, para levá-lo de presente a Poty-Poran e finalmente conquistar seu coração.

Ele encarou o animal, mas estranhamente o cavalo não se mexeu. Inhancá-Guará resolveu, então, se aproximar. O cavalo, vendo o indígena se acercando, continuou lá, sereno, sem se opor àquela aproximação. Inhancá-Guará decidiu guardar as boleadeiras e foi se abeirando suavemente, assobiando e sorrindo para o animal, que se deixou ser acarinhado e encilhado.

O indígena, colocou o bocal, as rédeas e até o couro de onça, que usava para montar, sobre o lombo do estranho cavalo, que continuava sereno. Depois de devidamente encilhado, alçou a perna e montou de um salto só sobre o cavalo. O animal colocou-se andar e, após alguns passos mansos, disparou enlouquecido para dentro da lagoa escura com Inhancá-Guará sobre seu lombo. E, assim, desapareceram para sempre, cavalo e cavaleiro.

Poty-Poran, ao saber do acontecido, chorou às margens da lagoa. Suas lágrimas salgadas tornaram a água da lagoa salobra. E, por isso, a lagoa é chamada até os dias

de hoje de Lagoa Parobé, lagoa de água salobra, na língua dos Charruas.

Léla Mayer é gaúcha, professora universitária, fisioterapeuta, escritora e contadora de histórias. Publicou em 2015 seu primeiro livro, *Não grita, Tião!!* (Editora EDUNISC). O reconto *A Lenda da Lagoa Encantada* é inspirado Na Lenda da Lagoa Parobé, que pertence ao Ciclo de Lendas Indígenas, descritas por Antônio Augusto Fagundes em seu livro *Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul* (Editora Martins Livreiro).

UMA FESTA ATRAPALHADA

Milene Barazzetti

De tempos em tempos, acontecia uma festa no céu para todos os seres vivos que habitavam a Terra, fossem eles voadores ou não. Aqueles que não voavam recebiam ajuda dos que tinham asas, para ali na festa chegar e participar.

Mas, em uma das festas houve uma regra especial, determinada por Nossa Senhora, que ao enviar o convite escreveu:

*Amanhã tem Festa no Céu,
podem vir com alegria
e brincar com euforia,
mas caso você tenha rabo
escute bem meu recado
lá fora ele deverá ficar
e isso precisa ser respeitado.*

Os animais ficaram eufóricos, mas também preocupados. Onde deixariam seus rabos? Ficariam eles bem guardados?

No dia da festa, todos chegavam felizes e entusiasmados, mas, antes de entrarem no salão enfeitado, havia um espaço marcado para todos que tivessem rabo pudessem ali os depositar. Um lugar, aliás, muito bem cuidado pela Senhora Capivara.

Os gatos cheios de pose penduraram seus rabos em cabides coloridos, todos muito organizados.

Os macacos, atarantados, jogaram seus rabos de qualquer jeito, mas com certa arrumação. As capivaras colocaram os seus rabinhos lado a lado, cada qual no seu lugar.

E assim os pumas, quatis, gatos do mato, lobos-guará e tantos outros foram deixando seus rabos aos cuidados da Senhora Capivara.

Quando os cachorros chegaram, atrasados, correndo e esbaforidos, jogaram seus rabos todos juntos pelo chão, na entrada do salão, e nem se importaram com isso não.

Na festa a animação estava incrível. Tinha o Urubu Violeiro, o Coral do Sapo e a Orquestra de Sabiás para colocarem todos a balançar.

E as comidas e bebidas eram uma fartura. Tantas gostosuras expostas em cestos trançados com sisal. Frutas e folhas frescas, tudo muito bem cultivado e preparado com cuidado pelos Colhereiros, cozinheiros da comemoração.

Naquela época, os animais e humanos viviam em paz, todos juntos e misturados, então a dança acontecia entre eles com muito cuidado e alegria, cada qual no seu espaço, tudo em grande harmonia. Mas nessa festa especial, daquele dia distante, todos estavam muito agitados, alvoroçados e até bem descuidados.

Durante a dança animada, o Macaco Bugio, com pouca experiência no bailar e sem noção do seu tamanho, acabou pisando com força, entre uma troca de perna e outra, na pata de um Quero-Quero, que se pôs a gritar:

– Quero-Quero! Quero-Quero! Quero-Quero! Quero-Quero!

A gritaria foi tão grande que se armou uma confusão, e aquela dança tão organizada terminou alvoroçada.

Eram uns pisando nas patas dos outros e reclamando sem parar.

A música foi substituída por gritos, grasnados, coaxados, miados, uivados, latidos, regougados, entre outros sons apurados. Junto a isso, foi uma correria para fugirem daquele imbróglio, que nem Nossa Senhora conseguia acalmar.

Saíram todos em debandada. Os cachorros, sempre muito afobados, atropelaram os outros, pois queriam chegar primeiro na saída e livrar-se daquela bagunça. Assim, pegaram o primeiro rabo que viram pela frente, sem nem conferirem se era o seu. Mal sabiam eles que aquele ato intempestivo mudaria suas vidas pra sempre.

Depois desse dia, dessa festa animada e atrapalhada, os cachorros adquiriram um hábito bem específico e diriam, os que não sabem dessa história, até instintivo, natural. Toda vez que passam por um cachorro perguntam ao rabo do outro:

– Ei, você, esse rabo por acaso não é meu?

Por isso que até hoje os cachorros cheiram o rabo um do outro, sempre à procura do seu, trocado em uma festa atrapalhada do céu.

*E se isso aconteceu
Quem me contou até jurou
Foi o Urubu Violeiro
Que essa história espalhou.*

Milene Barazzetti é gaúcha, de Porto Alegre, professora, narradora de histórias e escritora. Seu primeiro livro, *O Consertador de Coisas*(2014) que foi finalista do Prêmio AGEs Seu livro *Contos Soturnos* foi vencedor do Prêmio AGEs Livro do Ano na Categoria Juvenil e Melhor Livro do Ano em 2020, além de finalista do Prêmio Açorianos. Essa é uma versão da Lenda do Cachorro. Dizem ser uma lenda gaúcha, mas há também versões em outros lugares.

A VOZ DA GRALHA-AZUL

Ross Mary Capriotti Vieira

Quando Zezinho chegou em casa naquele dia, a primeira coisa que fez foi correr ao encontro do avô para contar a história que a professora havia apresentado na escola.

– Vô! Vô! Você não sabe o que eu descobri hoje! Sabe aquela gralha-azul que vem todo dia aqui no sítio? Ela não era azul antes. Ela era toda preta! Sabe como ela ficou assim? – Zezinho nem deu tempo para o avô responder e continuou todo empolgado. – Um dia a gralha-azul estava dormindo num galho de araucária quando acordou assustada com o barulho do machado de um lenhador que queria derrubar o pinheiro. Ela voou e fugiu dele. Quando ela estava bem lá no alto do céu, ouviu uma voz que pediu para ela voltar e ajudar a proteger os pinheiros. A gralha-azul então resolveu espalhar as sementes de araucária para que nascessem muitos pinheiros na mata, e foi assim que nasceu esse monte de araucária no seu sítio, vovô!

– E o que essa história tem a ver com a cor da gralha-azul? – perguntou o avô.

– Ah, é! – disse Zezinho. – Como recompensa pelo seu trabalho, a gralha, que era toda preta, ganhou penas azuis no corpo, igual ela é hoje, cabeça preta e corpo azul. Você já conhecia essa história vovô?

– Não, querido. Mas eu conheço outra história da gralha-azul que o meu amigo José Fernandes, da fazenda dos Pinheirinhos, me contou. Você quer ouvir?

– Claro que quero! – disse Zezinho.

E se sentou ao lado do avô.

– Meu amigo me contou que alguns anos atrás, num inverno muito seco, faltou água até para os animais beberem e que foi muito triste ver alguns morrerem e serem comidos pelos corvos. Você sabia que a gralha-azul é da mesma família dos corvos?

– Não vovô! Mas e aí, o que aconteceu?

– Quando naquele inverno o meu amigo avistou um bando de gralhas-azuis, que revolviam o solo com o bico, resolveu atirar nelas com sua espingarda, mas a espoleta da espingarda explodiu e acertou o rosto dele.

– Ele morreu, vovô?

– Não, Zezinho. Ele apenas ficou desacordado e foi aí que teve um sonho. Sonhou que tinha acertado uma gralha e que ela veio para perto dele de asas abertas, com o peito sangrando, falando.

– Que incrível! Uma gralha-azul que fala! – interrompeu Zezinho.

– Ela falou: “Você é um assassino! As leis dos homens não proíbem de matar as pessoas? E quem faz mais do que muitas pessoas, não vale nada? Pois eu sou uma ave que faz nascer florestas de pinheiro. Verdes florestas de árvores viçosas que fornecem a madeira de sua casa, a lenha que faz fogo e aquece você no inverno, que cozinha a sua comida e esquentam a água do seu banho. Venha! Veja como é meu trabalho! Primeiro tiro a cabeça do pinhão para que ele não apodreça na terra e depois planto com o bico para cima para que ele brote e se transforme numa árvore. Isso não é um trabalho que merece respeito? Então, deixe de ser um assassino e siga o meu exemplo”.

Meu amigo disse que, depois disso, a gralha desapareceu e ele acordou. Meio tonto ainda foi até o lugar onde as gralhas estavam e encontrou uma delas morta e ao seu lado um pinhão sem cabeça. Ele cavoucou a terra fofa

perto dela e encontrou um pinhão plantado, com a ponta para cima, também sem cabeça. Naquele dia, meu amigo voltou para casa pensando em tudo que a gralha do sonho havia lhe dito e, achando que ela tinha razão, decidiu nunca mais atirar em nenhuma delas. Com o tempo achou importante dar uma ajudinha e passou também a plantar pinheiros.

– Que super história, vovô! Amanhã vou contar na escola. Aposto que todo mundo vai adorar! O que você acha de a gente tirar fotografia das araucárias e das galhas-azuis aqui do sítio para eu mostrar? – perguntou Zezinho.

Os dois se olharam entusiasmados e o resto da história você pode muito bem adivinhar.

Ross Mary Capriotti Vieira mora em Curitiba e é especialista em literatura infantil. Autora de livros didáticos e de literatura para crianças, é membro da Academia de Letras José de Alencar. O conto *A voz da gralha-azul* apresenta duas versões da lenda da gralha-azul, originais do Paraná, onde a ave é considerada protetora

dos pinheirais. Além da memória das histórias de infância, também foi consultada a versão de Luís da Câmara Cascudo.

ECO, ECO...**Vera Crepaldi Pereira**

A história de Eco vem da Grécia Antiga, do tempo em que os deuses habitavam o Monte Olimpo.

Zeus era o pai do Céu, o que controlava o cosmos, criava as leis e profetizava. Tinha poderes acima e abaixo da Terra.

Esse deus soberano casou-se com a deusa Hera, em núpcias solenes realizadas no cimo do Monte Ida. Dizia-se que Hera possuía também o dom da profecia, e podia bendizer ou amaldiçoar a quem desejasse.

Conta ainda a tradição que Zeus, embora fosse marido de Hera, tinha muitas aventuras amorosas, o que deixava a deusa furiosa. Ela tentava vigiar Zeus, mas ele sempre dava um jeito de se disfarçar e enganar Hera com suas conquistas. E foi por isso que a jovem ninfa Eco faz parte da história de Zeus e de Hera.

Como Eco tivesse o dom da palavra, ela entretinha Hera com longos relatos, enquanto Zeus se aproveitava desses momentos para escapar do olhar ciumento da deusa.

Quando Hera percebeu que passava horas e horas ouvindo as narrativas de Eco e deixava Zeus solto pelas montanhas, culpou Eco de desviar-lhe a atenção. Enfurecida, a deusa rogou-lhe uma maldição: daquele dia em diante, Eco não poderia mais usar a sua voz, a não ser para repetir tolamente as últimas sílabas das palavras ditas pelas pessoas.

Assim, a pobre Eco não conseguiu mais exprimir seus pensamentos.

Desesperada com essa condição, a ninfa passou a viver escondida nos campos, nos bosques e nas fontes, afastada e solitária.

Um dia, porém, enquanto andava pelo campo, Eco viu o belo Narciso com seus companheiros, caçando cervos no bosque. Imediatamente, ela apaixonou-se pela beleza do jovem e o seguiu, sem que ele pudesse se dar conta de que estava sendo seguido.

Em determinado momento, os companheiros de Narciso se afastaram e ele chamou:

– Há alguém aí?

Pensando que fosse para ela e movida pela paixão, Eco tentou dizer palavras amorosas, mas conseguiu somente repetir as últimas palavras que Narciso havia dito:

–Aí! Aí!

Narciso ficou surpreso. Olhou em todas as direções. Não via ninguém ao redor. Disse, então:

– Seja quem for, venha!

Como resposta, Narciso recebeu de volta o que havia pronunciado:

– Venha! Venha! – repetiu Eco.

Curioso para desvendar o segredo, Narciso propôs:

– Vamos ficar juntos!

– Juntos! Juntos! – repetiu Eco feliz com o convite e correu até Narciso de braços abertos.

Quando Narciso a viu, arrogante e orgulhoso como ele era, ficou indignado e exclamou com veemência:

– Prefiro morrer do que querer que fique comigo!

– Fique comigo! Fique comigo! – gritou suplicante.

Nessa ocasião, Eco ainda tinha um corpo. Narciso, a quem ninguém conseguia agradar, dada a sua fascinação por si próprio, deu-lhe, então, as costas e foi embora, sem olhar para trás.

Envergonhada, Eco passou o resto de seus dias em vales estreitos e em cavernas profundas, solitária e abandonada. À medida que crescia seu amor, cresciam também sua vergonha e seu sofrimento. Não mais conseguia deixar de pensar. Não mais dormia. Definhava e corroía-se da dor do amor. Até que seu corpo começou a secar e seus ossos viraram pedras. Nunca mais Eco foi vista perambulando pelas montanhas. A memória de Eco manteve-se no som da repetição. Foi o que restou.

Ainda hoje, sua voz pode ser ouvida, repetindo por aí o final de tudo o que se diz.

Vera Crepaldi Pereira nasceu em Campinas(SP). Autora de histórias infantis, seu último livro publicado foi *A Janela da Menina da Casa Amarela* (2020). Como os mitos gregos foram a temática de seu doutorado, escolheu fazer um relato de uma das versões da lenda da ninfa Eco. A história reporta-se ao castigo imposto pelos deuses, ao engano amoroso e ao som da repetição das últimas sílabas ditas, que foi o que restou de Eco.

PARTE III
CONTOS E CAUSOS DO NOSSO BRASIL



DEUS, O MUNDO E O BURACO DO RAIMUNDO

Adélia Araújo

Eu gosto muito de gente. E das histórias dessa gente. E foi assim que conheci, em Goiás, Dona Maria e seu amado, o seu Raimundo. Ele e eu trocamos muitas histórias e Dona Maria confirmou todas elas. Ele dizia: Num foi assim Maria? E ela respondia, sem demora: Foi sim, Raimundo amado!

Ele me contou coisas dessa vida e de outras. Não outras de outras pessoas, mas sim coisas de outros mundos. Ele me disse que uma vez viu bem de perto gente que existe, mas ninguém vê. O mundo esse em que estávamos, seu Raimundo com suas palavras fez desaparecer... Parecia mesmo que só existia naquele momento Deus, o mundo e o buraco do Raimundo. Aí agora você me pergunta: "Oxe, e que buraco é esse?" E eu lhe digo: "Pois bem, é sobre ele que agora vou te contar..."

Um tempo grande, demorado e bonito era o que seu Raimundo e Dona Maria tinham no pequeno sítio de pomar farto, lá no meio do mato das terras de Goiás. A

casa deles era de telhado de barro e paredes todas pintadas de branco. Janelas de madeira eram muitas e tinham por toda a casa. Casinha de terraço aberto com rede bem boa pra deitar de tarde e cochilar. Eles gostavam demais daquele lugar. Ô se gostavam... Só tinha uma coisa mesmo que dona Maria tinha pra reclamar. Queria reformar o banheiro.

Um dia, seu Raimundo resolveu o pedido de sua mulher planejar. Riscou o chão de areia com uma madeira e fez o desenho de tudo de melhor que tinha de ideia. Foi até o armazém e comprou cimento e tijolo. Água separou num balde e areia ele resolveu que pegaria do quintal mesmo. Com tudo organizado, danou-se a cavar. Se empolgou tanto que nem percebeu que o buraco estava já ficando fundo por demais. Ele mesmo tirava a pá cheia de areia e peneirava tudo pertinho do cimento. E foi em uma dessas peneiradas que ele viu o que nunca, nunca tinha visto antes...

Seu Raimundo achou um osso!

Mas não era qualquer osso... era muito esquisito. Não era nem tão grosso nem tão fino. Nem tão pequeno nem tão comprido. Não era de cachorro e nem de qualquer

outro bicho por ele conhecido... Sem saber o que fazer, ele chamou Dona Maria que quando viu o osso, lembrou-se de uma visita.

– Raimuuuuuundo, a DONA DIDA!

– Esse osso é de Dona Dida?!

– Não, homem, Dona Dida veio aqui e me disse que ouviu no rádio que agora na faculdade os jovens estão estudando tudo de ossos. Amanhã vamos lá entregar.

E assim eles fizeram. Dona Maria pegou o osso, colocou, do jeito que tava, dentro de uma sacola de pano e pendurou-a num prego que ficava atrás da porta do quarto. Seu Raimundo entrou em casa, mas só pensava no danado do osso. Nem conversaram depois do jantar. Seu Raimundo foi deitar cedo de tão ansioso pelo dia seguinte que estava.

Foi aí que deu madrugada e, nela, deu de o dono do osso sentir sua falta! Era silêncio na hora que isso aconteceu. Na porta, uma batida bem forte e insistente se deu.

BAMBAMBAMBAMBAM! DEVOOLVA MEU OSSO!

Seu Raimundo acordou da segunda vez que disseram isso. Acordou assustado com a zoadá e acordou Dona Maria.

– Maria, mulher, tais ouvindo isso? – Dona Maria, de sono pesado, nem ligou, se virou pro outro lado.

BAMBAMBAMBAMBAM! DEVOOLVA MEU OSSO!

– Maria, mulher, pelo amor de Deus, tu não tá escutando isso não, é?

– Ah, que foi? Isso o quê?

– Maria, tão batendo na porta.

– Menino, isso deve de ser aquele besouro bola bosta. Vai timbora dormir.

BAMBAMBAMBAMBAM!

– Olha aí, num disse? Isso é lá besouro? Isso é gente e tá já dentro de casa.

– Menino, esse tempo todinho e ninguém aqui nunca fez nada. Vou levantar pra você ver que é o besouro e finalmente me deixar dormir.

Dona Maria levantou, andou quatro passos, puxou a maçaneta, não tinha nada! Nem bola bosta, nem gente. Mas a zoadá... Essa surgia do nada.

–BAMBAMBAMBAMBAM! DEVOOLVA MEU OSSO!

A última vez que a voz se ouviu foi no ouvido de Dona Maria e ela se arrepiou inteira.

– Raimundo, é o coitado do dono do osso que quer ser resgatado. Eu ouvi ele dizer tudinho. Pegue o osso aí atrás da porta e vamos colocá-lo no buraco.

E assim fizeram. Colocaram o osso de volta, fizeram reza, ascenderam vela e disseram que nunca mais, enquanto tivessem vida, fariam outro buraco naquele lugar. Depois disso, Dona Maria desistiu da reforma no banheiro. Seu Raimundo terminou a história sorrindo:

– É isso, minha filha, quando voltar diga pro seu povo isso que contei e diga mais, diga que gente que não existe vê tudo, e tudo que fazemos um dia seremos cobrados. Num é Maria?

– É sim, Raimundo amado!

Adélia Oliveira vive em Pernambuco, é pedagoga, narradora de histórias e criadora de imagens. É pesquisadora no PALAVRAIMAGEM, seu campo de

experimentos e sentimentos sobre memórias, infâncias e a literatura. O relato é baseado em fatos reais de seu Lourenço e Dona Maria Divina. O título tem origem no ditado popular falado sua mãe Del, que diz que, se alguém deve algo e nunca paga, deve a Deus, ao mundo e ao buraco de Raimundo.

UMA HISTÓRIA DE AMOR

Anna Rennhack

Kauam caminha até o barranco do rio e recolhe uma grande quantidade de barro escuro. Faz uma grande bola, põe no cesto de palha e caminha em direção à aldeia.

Com cuidado, coloca o barro sobre a pedra lisa em frente à oca e retira um pedaço. Ágil e rápido, o jovem transforma aquela massa cinzenta em vasilha e enfeita a borda com lindos desenhos, que vai marcando na argila ainda molhada.

Na aldeia tupi, todos comentam a grande habilidade de Kauam no trabalho com o barro, criando cuias, panelas e potes que são usados por todos.

O jovem já vai completar 15 anos e, com os amigos da mesma idade, participará das provas da festa da maioridade.

Os rituais de passagem variam de acordo com as tradições de cada aldeia. Em algumas, os jovens são submetidos a provas de força; em outras, têm o corpo pintado com símbolos, feitos com tinta de jenipapo; os

cabelos podem ser arrancados, fio a fio, criando desenhos na cabeça; lábios e orelhas são furados e enfeitados com ossos; ou ainda, podem acontecer também grandes lutas.

Na aldeia de Kauam, as provas principais serão de caça e de luta. Ele não gosta de lutar e, apesar de ter na família vários campeões, prefere criar suas belas vasilhas de barro.

O Cacique reúne a todos e anuncia uma novidade. Para homenagear o vencedor, decide que o campeão irá se casar com sua filha mais nova, Tainara.

Kauam fica assustado com a notícia. Isso será um sério problema! Ele e a bela Jandira estão apaixonados e querem se casar. Se for o vencedor das provas, como irá rejeitar Tainara, a filha do Cacique? Provavelmente será expulso da aldeia ou sofrerá os piores castigos.

Kauam procura o Pajé e conta suas aflições. Com calma, o velho homem tranquiliza o rapaz e diz para ele não se preocupar:

– Faça todas as provas com dedicação que irei protegê-lo e atenderei ao seu pedido amoroso para se unir a Jandira.

Os dias passam e Kauam continua criando as belas vasilhas e se preparando para as competições. Corre muito para exercitar-se, caça com o arco e as flechas, cada vez mais rápidas e certeiras, luta com os outros rapazes, medindo forças.

O grande dia chega e todos os jovens estão reunidos na oca maior. Ali, os homens mais velhos começam as pinturas nos corpos juvenis. Kauam observa os belos símbolos que mostram que ele agora é um adulto.

Aliviado com a proteção prometida pelo Pajé, Kauam dedica-se às provas e vai vencendo uma a uma. Acerta a flecha no alvo; é o primeiro a chegar após caçar uma grande anta; supera picadas de formigas e vence a luta final.

O Cacique anuncia o vencedor e Kauam, assustado, vai ao encontro de Jandira e juntos correm para a oca do Pajé, para buscar a proteção prometida. O velho os acalma e diz que tudo estará resolvido pela manhã. Entrega aos jovens uma cuia com uma bebida quente e amarga e ordena que bebam até o fim. Apesar do gosto ruim, a esperança de felicidade anima o coração dos apaixonados. Bebem tudo e logo adormecem profundamente.

O Pajé deixa os dois na oca e dança e canta em volta da fogueira durante toda a noite.

No dia seguinte, todos na aldeia procuram por Kauam e Jandira. O Cacique quer iniciar os preparativos para o casamento de Tainara. O Pajé acompanha as buscas apenas com os olhos e fica em silêncio. Nada responde quando pedem notícias.

O dia vai chegando ao fim e um dueto sonoro de pássaros é misturado ao som dos chamados pelos jovens desaparecidos.

O Pajé misterioso, observa de longe a procura pelo casal. Sua grande magia uniu para sempre os jovens apaixonados. Satisfeito, sorri, feliz.

Em um galho próximo, um João-de-Barro, com habilidade, constrói uma casinha para a sua amada com o mesmo barro escuro das belas vasilhas que fazia.

Anna Renhack é carioca, pedagoga, mestra em Educação e lecionou na UERJ. Trabalhou na Bloch Educação (Grupo Manchete), editando livros didáticos e literários. Na editora Record, atuou como Gerente de Relações

Institucionais, selecionando títulos para programas governamentais. Escreve na página de Literatura Infantil do *Jornal de Letras*. Integrou o Conselho Diretor da FNLIJ e atualmente é consultora editorial da Escarlate/Brinque-Book.

AS VIZINHAS DA VÓ JOVINA

Bruna Giordani

Fernanda acordou e percebeu que o céu prometia um dia ensolarado. Correu pra janela do quarto vendo o mar lisinho e as montanhas do continente ao fundo. Ali na praia a água afagava as pedras. Sabia que no lado oposto da ilha o mar era bem diferente, batendo com a força do oceano inteirinho.

Chegou na cozinha, tomou o café e acelerou o passo pra pegar a bicicleta. Mandou-se pedalando até a Praia do Sambaqui. No caminho, passou por uma figueira, com uma tarrafa estendida pra secar. Parou pertinho do barracão com um barco pesqueiro abandonado. Ficava sempre doida pra entrar, mas sentia calafrios. Dentro da embarcação ficava escuro, não importa quanto sol fizesse lá fora. Decidiu ir até a casa da vó Jovina.

– Vó Jovina! – gritou, esticando a letra I e a letra A, ao ver o portão da casa aparecer.

Jovina sabia, só pelo jeito de falar, que era Nandinha chegando.

– Ô vó, tu acredita mesmo que tem bruxa aqui na ilha?– A menina foi entrando.

– Mas é claro! Eu mesma conheci! Nem sabia que era bruxa antes da minha mãe contar.

– Contar o quê, vó!?

– O que aconteceu com ela no dia que foi até a casa da tia Modesta.

Fernanda já estava ficando aflita.

– Mas o que foi que aconteceu com ela, vó? Me conta!

– Senta aí, menina. Senta aí que eu vou te contar.

Naquele dia sua bisavó Luísa avisou que ia na casa da irmã. Me pediu pra arrumar a casa, que eu lavasse e estendesse a roupa, fizesse café pro pai, preparasse o almoço, arrumasse meus irmãos com roupa limpa e mandasse eles pra escola. Por último, pediu que, de maneira nenhuma, eu conversasse com a Virgilina ou as filhas dela. Ela dizia que eram bruxas.

– Que bobeira! – disse Fernanda dando risada.

– Se era bobeira ou não, vais descobrir no final da história.

Quando chegou na casa da tia Modesta todo mundo parecia aflito. Tio Silvério resolveu logo contar pra minha mãe o que tinha acontecido nos últimos dois meses. “Se tu quiser

acredita mas também se não quiser não vai mudar nada nossa amizade”, disse o tio. Então falou que tinham aparecido bolotas por todo o corpo das criança, os olhos preto, sempre chorando e cada dia mais pele e osso. Fizeram de tudo, gastaram dinheiro até em remédio de um boticário e nada resolveu. Decidiram vender tudo pra ir embora. Uma senhora com dinheiro ficou sabendo e foi falar com eles. Quiseram esperar o resultado da doença pra fechar o negócio. A mulher pediu se podia ver as criança. Assim que bateu o olho neles, gritou apavorada: “Meu deus do céu, esses inocente tão embruxado!”. Disse então pro tio trazer uma benzedeira. No dia seguinte, ele apareceu com a mulher. A benzedura começou e o tio ficou até intimidado. Ela ia até a janela, espiava pro chão, olhava os canto da casa, por cima do telhado. Foi, foi que chamou a tia e o tio e disse: “as vossa criança tão atacada pelo mal do bruxedo, mas não se preocupem que eu já cortei o sortilégio delas. Tão aí, morta de medo, com o zóio esbugalhado. Eu sei cês não conseguem ver.” O tio ficou tão agradecido que prometeu trazer tainha pra janta. A tarrafa ficava pendurada numa figueira pra secar. Assim que chegou lá, o tio viu um clarão que saía da tarrafa junto com uma barulheira de festa. Foi mais perto e viu quatro mulheres dentro da tarrafa dando gargalhadas horrorosas. Saiu correndo pra casa e contou o

que viu. A benzedeira colocou as mãos na cabeça dizendo “Ai, ai, ai, eu esqueci de queimar palha de alho no quarto das criança!”

Fernanda estava que não tirava os olhos da avó. Jovina deu uma risadinha.

– Mas e aí, vó?!

– Assim que a benzedeira terminou o serviço, voltaram na tarrafa e adivinha quem encontraram lá?

– Quem, vó!?

– Não é que era a Virgilina e mais suas três filhas?

– Então a bisa Luísa tava certa!

– Não é que tava? Quando voltou pra casa, ela vinha se benzendo e dizendo pra todo mundo da história.

– Mas o que fizeram?

– Nada. Parece que, na mesma hora que todo mundo soube da história, a mulher e as filhas sumiram. Ninguém nunca mais viu as quatro bruxas do Sambaqui.

– Nunca mais mesmo, vó?

– Acho que nunca mais.

Depois de almoçar com a vó, Nandinha resolveu voltar logo pra casa. Passando pelo barco abandonado com a tarrafa ainda pendurada na figueira ali perto, chegou a achar que tinha ouvido umas risadas diferentes. Mas devia

ser algum pessoal curtindo a praia. Acelerou a bicicleta para não chegar em casa à noite.

Bruna Giordani é gaúcha, proprietária do Ateliê Criativo Um Pé de Sonho, que leva oficinas sobre cinema e literatura para as escolas. Em 2019 publicou seu primeiro livro, *Um Encontro Mágico* (Lurinha Editorial). O reconto *As vizinhas da vó Jovina* foi inspirado na narrativa popular *Baile de bruxas dentro de uma tarrafa de pescaria*, resultado do trabalho de registro feito por Franklin Cascaes entre os anos 1950 e 1970.

FANDANGO MACABRO

Fernanda Hermes

Era tarde da noite, a viúva rolava na cama sem conseguir dormir. Alguma coisa a incomodava e não sabia dizer o quê. O marido já havia “batido as botas” há tempos e já nem sentia falta dele, até porque quando vivo, nunca estava em casa, sempre farreando nos bailes. Mesmo vivendo no sítio, ele sempre achava uma festança na cidade. Ela ficava cuidando dos afazeres domésticos e da roça, além de cuidar do filho pequeno. Ele voltava quinze dias depois, pra dormir, tomar banho, comer e trocar a muda de roupa pra nova festa. Em uma dessas saídas não retornou. Soube-se, meio ano depois, que havia se “estranhado” com um sujeito em um bar e morrera de facada lá mesmo.

Mas, naquela noite, faltava-lhe paz. Decidiu levantar-se e fazer uma faxina daquelas. Retirou e bateu o tapete; arrastou e mudou os móveis de lugar; trocou os trem de cama e decidiu virar o colchão. Nesse momento, o tecido

velho, já remendado, rasgou-se, e a mulher soltou um grito tremendo ao se deparar com o que havia no colchão.

– Minhazarma! O que é isso, meu Deus do céu?! – Óia aqui meu fio – acordando o menino – o que aquele jaguara do teu pai tava escondendo de nós!

– Nossa, mãe! O tanto de dinheeeeeero!

– Mas num é? E nós tudo esse tempo penando, sofrendo, pra pode comê. Ah, mas eu juro, que se ele já não tivesse morto eu matava, ridicando pra própria família!

– Carma, mãe!!! Óiabem, agora o dinheiro é nosso, dá pra fazê um montão de coisa.

Os dois levaram o dinheiro para a mesa da cozinha, onde clareava melhor. Começaram a contar. Os sonhos aumentavam juntamente com a quantia de dinheiro... O menino pensava em quanto doce ele poderia comprar no armazém do seu Zeca, e, talvez, comprar um carrinho de brinquedo de verdade, abandonando os sabugos de milho amarrados a cordões. A mulher pensava nas reformas da velha tapera, em trocar as roupas remendadas do menino, e, pra ela, comprar um vestido bem vermelho. De repente, um ranger de porta se ouviu. Pararam a contagem e estacionaram seus sonhos “devereda”. Pé por pé foram até

a porta, averiguaram que se encontrava trancada e, ainda sem entender, voltaram para a cozinha. Foi quando se depararam com o defunto, o pai do menino, sentado à mesa, contando o dinheirinho. O menino escondeu-se apavorado atrás da mãe. A mulher, quase sem voz, em um ímpeto de coragem disse:

– Minhazarma! O que qui ocê tá fazendo aqui seu jaguara?! Ocê já partiu dessa pra mió faz tempo, volta pra tua cova qui é teu lugá! Vaiiii!!!

– Que cova o quê, muié?! Não venha me agravá. Olhe, continuo bem macanudo.

– Macanudo? Tá fedendo feito um jurrio! Oiá aí nesse espeio pra ocê vê.

– É, eu estou um pouco desacorçoado, mas isso deve ser falta dos fandangos. Ô piá – ordenou ao filho – Pega a gaita e vem tocá umas moda pra eu e tua mãe dançá.

– Venha vindo – disse a mulher – e eu lá danço com defunto?!

O menino calado e mais firme que “palanque de banhado”, trouxe a gaita e começou a tocar. O defunto na mesma hora começou a dançar um vanerão. Empolgado que estava, requebrava ao ritmo da música, sequer

percebeu que no meio da dança, deixou cair um de seus olhos no chão. A mulher vendo aquilo sorriu de esgueio e esperançou...

– Até que tá bonitinho vê teu pai dançá, né?! Mas sabe, se me alembro bem, teu pai gostava de umas moda mais ligêra... Toque um pouquinho mais rápido guri.

O garoto obedeceu. E o defunto todo exibido, acelerou ainda mais os passos. Nem percebeu que durante a dança perdeu seis dedos dos pés e mais quatro da mão.

– Ah, mas tá bonito demais, até deu vontade de dançá junto com ele. Mas cê sabe né piá, a mãe só dança se a moda for bem ligêra. Toque meu fio, toque!

O menino acelerou. A mulher rodopiou, girou e o defunto a imitava a cada passo. A mulher jogava a perna pro alto, o defunto também, só que a dele ia embora. Ela jogava os braços, e os braços do defunto já eram. E assim foi, caindo pedacinho por pedacinho, até ficar só a caveira no chão, batendo o queixo e cantarolando sem parar. A mulher, em um golpe de misericórdia, deu uma piscadela e um sorriso maroto, e o queixo do defunto caiu.

– Aii meu fio, nem fique negaciando teu pai aí, tudo espaiadinho pelo chão... Óia só, a mãe vai campia uns

prego, martelo, corrente... E ocê pega o baú que tá debaixo da minha cama e arruma tudo que é do teu pai lá dentro, não esquece nem um pedacinho.

Quando a mulher voltou, o menino já havia juntado tudo e fechado o baú. Ela então pregou de “fora a fora”. Enrolou corrente, arrumou cadeado, e junto com a criança, levou o baú até o cemitério. Chegando lá, cavaram a cova o mais fundo que conseguiram, arrumaram o baú lá no fundo, encheram de pedras pesadas, derramaram bastante cimento e mais uma terrinha por cima, pra garantir. Quando finalmente terminaram o serviço, já era dia. Voltaram pra casa esgualados. Quando abriram a porta da cozinha, a mulher não acreditou.

– Ô piá! Que delhe o dinheiro do teu pai que tava ali em cima da mesa?

– Ora mãe, pois foi a senhora mesma que mandou colocá tudo que era do pai dentro do baú... Eu coloquei o dinheiro dele também, ué?!

Fernanda Hermes é catarinense, escritora, atriz, diretora teatral, contadora de histórias, pedagoga, professora de

literatura e apaixonada desde sempre pela arte. Por meio deste reconto fantasmagórico e divertido, inspirado no conto de Angela Lago, *Dançando com o morto*, o qual há muitos anos faz parte de seu repertório, a autora busca regionalizá-lo e inicia-se no universo da escrita literária. Uma paixão guardada na gaveta por longos anos.

BICHO MANJALÉU**Iêda Carvalhêdo**

Meu coração vive no mar. Sou bicho Manjaléu. Vim de distâncias por dentro dos matos, buscando esconderijo. Caindo por ali, por acolá. Até encontrar lugar seguro. Sou mudo de nascença. Grunhir é minha especialidade. Solidão mora comigo e não me faz companhia. Ouço desde muito o ruído das ondas. Atraentes como só. Perigosas de assustar até monstro.

“Mãinha, Manjaléu é de verdade?”

“Acontece de ser. É bicho mau, comedor de menino maluvido.”

Nasci equivocado, fora de época, fora de prumo. Sou aquele do “era uma vez” caído no presente, sem princesa nem nada. Quero só encontrar um canto de paz e estar assossegado. Caçado, cansado, cansado. Preciso chegar ao mar: lá meu coração vive.

Quanto pesa um coração? O meu? Só um tico de pouquinho. Coração de monstro é tal qual o de menino, carece de mãe e de aconchego. Se tive colo, não me alembro.

Memória só de desalento e perseguição. As contadeiras de histórias não me esquecem. Acossa-me a fama de primo do tnhoso. Cada vez que de mim contam causos, caçadores se multiplicam. Andar nas grutas e gretas é preciso. Até segurar a vela habitante do mar fundo.

Corro, descanso, corro, descanso. Chegar é preciso. Meu cheiro de fera se espalha. Os farejadores me espreitam. Sina ruim a minha. Sempre desemparceirado. Corro, descanso, corro, descanso. Preciso é chegar. O meu mar me espera.

Mais perto, mais perto, bem pertinho. Maresia já me arroteia. Paisagem começa a mudar. Tive tempo não de me preparar para o alumbramento do mar. Tiro me joga no chão. Explosão de vozes ao meu redor. “Pega o bicho, pega!” “Deve ter caído”. “Cuidado! Dizem que o coisa ruim é imortal”.

Me arrasto nas pedras. Pele grossa de bicho. Bala ricocheteou. Resfolego baixinho. Corpo todo arranhado. Noite breu. A fera leva vantagem sobre o homem. Preciso chegar. Estou tão perto. As ondas parecem me chamar. Escorrego mais um pouco. Quase lá.

Gritos novamente: “Lá vai ele”. “Joga a rede pra pegar o bicho”. Me levanto e disparo no areal. Atrás de mim vêm muitos. Súbito, sinto o peso da rede. Cabeça começa a rodar. *Minha vida está no mar. Dentro dele há um caixão, dentro do caixão uma pedra, dentro da pedra uma pomba, dentro da pomba um ovo, dentro do ovo uma vela; assim que a vela se apagar, eu morro.*

“Monstrengo pançudo esquisito este”. “E como é catinguento!” “Olha amarelo pra gente. Dá até aflição”. “Me dá o forcado pra cutucar ele e ver se sai sangue”. Urro alucinado. Estonteio. Muita judiaria. Desesperação medonha junto ao mar.

Viram as costas pra mim, rindo: “Bicho fora de combate. Pra onde levamos o papa – gente?”. Invento desmaio. Meus dentes navalhados começam a roer. Orifícios se abrem. Aproveito distração. Corro liberto. Imprecações sem conta. O mar me recebe como um cobertor. Me embrulho nas ondas e afundo.

Nado até encontrar o caixão. Abro e seguro a pedra. A esmago entre os dedos. Agarro a pomba antes do voo. Escorre dela um ovo. Cascas entre as mãos peludas. A vela,

por fim. Hesito um pouco. Assopro. Não sou mais sozinho.
Sou um com o mar.

Iêda Carvalhêdo é cearense e professora de Literatura do Instituto Federal do Ceará. Escreve poemas, contos, crônicas e literatura infantojuvenil. *Bicho Manjaléu*, narrativa do folclore brasileiro recolhida por Sílvio Romero, é recontada nesta antologia pelo próprio monstro que caiu do “Era uma vez no presente, sem princesa nem nada”.

UM CAUSO DE DOIS IRMÃOS

Juliete Rosa Domingos

Os mais antigos aqui da nossa vila contam que na fazenda de uma família abastada viviam dois irmãos, trabalhadores que só vendo. Dizem, ainda, que os dois eram muito unidos, tudo faziam juntos. Acordavam no mesminho horário, trabalhavam no eito juntos, almoçavam juntos embaixo da velha paineira, passeavam juntos e, claro, juntos iam na mesma vendinha para bebericar da mesma santa cachacinha.

Os dois irmãos tinham um hábito já conhecido por todos da comunidade. Trabalhavam de sol a sol, de segunda à sexta, e, no final de semana, selavam seus cavalos e rumavam até à venda preferida, que ficava num bairro longe da fazenda em que moravam.

Eis que, em um final de semana, algo novo sucedeu.

Tudo começou como sempre começava. No sábado, antes mesmo do sol raiar, os irmãos acordaram, tomaram o café da manhã, selaram seus cavalos e se lançaram pelo meio dos carregadores de café até o lugar costumeiro.

Chegando lá, se instalaram no cantinho já reservado para os dois, e ali ficaram, bebendo e proseando até o sol buscar repouso. Quando a noite chegou, o irmão que estava mais sóbrio decidiu, assim do nada, que queria ir embora, mas o outro irmão, já alegre para mais de metro, turrou que queria ficar. O povo ali estranhou, se entreolhou, pois era sabido que os dois não se desgrudavam.

Não houve briga. O irmão que queria ir embora montou no cavalo e seguiu de volta pelo carreador de café. E o irmão que queria ficar, se ajeitou de novo em seu lugarzinho cativo e voltou a bebericar.

Entre uma prosa e outra, o irmão que ficou passou os olhos pelo balcão da venda e algo familiar chamou sua atenção. Era a carteira de seu irmão. Bateu-lhe o desespero pensar na ansiedade de seu mano quando ele desse conta do ocorrido. Não esperou nem mais um segundo, pagou a conta, se despediu sem rodeios, montou em seu cavalo e partiu em disparada pelo mesmo carreador que o outro pegara um pouco mais cedo, na intenção de o alcançar, quem sabe, ainda no caminho.

Pois bem, o irmão que havia saído primeiro já ia um pouco mais que a metade do caminho e, num baita susto, se deu conta que havia esquecido sua carteira no boteco. Pensou, então, que seu irmão nem perceberia que a carteira estava lá. Virou o cavalo e se pôs em disparada de volta à venda.

No meio do caminho, havia uma curva muito fechada. Justo a curva em que os dois cavalos dos irmãos em disparada trombaram cabeça com cabeça, num estrondo medonho. Foi irmão lançado para um lado, irmão lançado para o outro. Cavalo de um irmão para um canto, cavalo do outro irmão para outro.

Dizem que os irmãos, assustados, se levantaram, se olharam, temendo um pelo outro, mas viram que não haviam sofrido um único arranhãozinho e deram graças...

Pobres dos cavalos, que não puderam com nada se preocupar, pois, com a força da trombada morreram na horinha.

O povo ainda fica em dúvida com qual dito terminar a história: “Seria cômico se fosse trágico ou seria trágico se não fosse cômico?”

Fica a gosto de quem ouve a prosa.

Juliete Rosa Domingos é paulista, professora da rede pública e pesquisadora no campo da literatura e da formação do leitor. O reconto *Um caso de dois irmãos* apresenta um caso popular do interior do estado de São Paulo. Trata-se de uma história verídica (re)contada pelos mais antigos moradores de Tejuapá/SP.

RAIMUNDO E IARA

Marilia Pirillo

Raimundo ouvira dizer que por aquelas matas andava uma anta gorda que, se capturada, serviria de alimento para a vila inteira. Faminto, o homem embrenhou-se pelas sendas, decidido a caçar o animal que espantaria a fome e lhe traria boa fama. Por um dia inteiro, Raimundo andou à procura do bicho sem sucesso. Quando anoiteceu, ajeitou-se debaixo de um jenipapeiro e, exausto, adormeceu. Já ia noite alta, quando despertou com um canto de mulher que fazia seu corpo magro estremecer. Esfregou os olhos para ter certeza do que via. Logo ali, na outra margem do rio, a voz suave que lhe despertava os desejos mais profundos de amor, vinha de uma moça bonita por demais, que, iluminada pelo luar, cantava e se banhava entre as pedras. Raimundo, encantado, tentou aproximar-se devagarzinho, mas assim que a bela deu por ele, mergulhou no rio e desapareceu.

– Voltes, cachopa! Não tenhas medo. Sou apenas um pobre homem com fome, em busca da grande anta que

anda por estas bandas. Voltes, ou, ao menos, me reveles tua graça.

Lá do fundo das águas escuras, a voz da moça respondeu sem se mostrar:

– Se quiseres me rever, voltes amanhã à noite, sozinho e me chames de Iara.

Veio o dia, a caçada inútil e a lua outra vez. Raimundo postou-se sob o mesmo jenipapeiro chamando por Iara. Depois de algum tempo, a moça saiu das águas, sentou sobre as pedras e deu de pentear as madeixas enquanto cantava. Raimundo nunca na vida vira mulher tão linda! Aproximou-se devagar, com medo de assustá-la. Iara deixou-se estar, não fugiu, olhou para Raimundo e sorriu:

– Queres a anta? Sei onde está. Te ensino a caçá-la se vieres nadar comigo.

Sem titubear, Raimundo tirou suas roupas e jogou-se na água abraçado aos longos cabelos de Iara que, entre afagos, o levou para o fundo do rio.

– Confias em mim, Raimundo?

– Confio com minha alma – respondeu o homem, com a vida por um fio.

– Então me contes: qual teu último desejo, Raimundo?

– Que venhas viver comigo, Iara. Tudo que sou e que um dia terei, será teu.

Iara, surpresa e compadecida com a inocência do matuto, propôs um trato:

– Não te mato e vivo contigo meus dias. Te ajudo na vida e na lida. Juntos teremos fartura e alegria, mas deves me prometer que as noites serão só minhas. Onde irei e o que farei, eu nunca te direi. Será esse o nosso segredo. Prometes?

Raimundo, que só viu vantagem na proposta, jurou ser fiel ao trato. E assim deu-se que, na manhã seguinte, o homem voltou para a vila trazendo Iara em uma mão e, na outra, a imensa anta, que virou banquete do casório.

A partir daí a vida floriu para Raimundo, sua aldeia prosperou. E por aquelas bandas ninguém mais sofreu de fome nem de doença. Iara, sempre bela, cuidava da casa e da horta, cozia, cozinhava e aconselhava o marido com sabedoria. Quando entardecia, punha as crianças na cama e saía em silêncio. Raimundo nunca lhe perguntou onde

ia pois, mal despontava o dia, o café e o aipim já estavam quentinhos sobre a mesa.

Foi assim, e assim foi por semanas, meses e anos até chegar no povoado um homem que se dizia santo. Carregado de promessas e percebendo a fartura da vila, deu de querer construir ali uma capela “para batizar os inocentes e casar os que viviam em pecado”. Na pequena praça, o tal padre reuniu o povo e pediu ajuda para erguer as paredes e as pilastras da fé na comunidade. Deu discurso com palavras caprichadas e ameaçadoras. Sublinhou a precisão de vigiar as crianças e as mulheres, “as vítimas fáceis dos espíritos malignos”. A gente inocente do lugar deu valor ao conselho de orar e vigiar, não só a si e aos seus, mas também aos outros. E, dizem, foi assim que Raimundo perdeu a paz e começou a atordoar das ideias. O falatório do povo foi crescendo num desconfiar e enquizar, até chegar aos ouvidos dele como avisos e recomendações repletos das melhores intenções.

– Abre os olhos, Raimundo! Que faz tua mulher à noite? Boa coisa não pode ser! Terá um amante? Será mulher-dama? Fará alguma bruxaria?

Os homens passaram a chamá-lo de estúpido, as mulheres tomaram distância de Iara e as crianças riam e tacavam pedras na casa deles. Até que Raimundo ofendeu-se. E, picado pelo ciúme, esqueceu sua promessa e decidiu seguir Iara. Embrenhou-se na mata atrás dela e, chegando ao rio, viu a amada se despir, mergulhar, nadar e cantar lindamente. Depois, sentar-se nas pedras e deixar reluzir sob o luar as escamas do seu imenso rabo de peixe. Assustado, Raimundo gritou fazendo o sinal da cruz: "Valha-me Deus!"

Neste exato momento, Iara mergulhou e sumiu nas águas do rio, ignorando os apelos e as lágrimas de Raimundo. De muito longe sua voz doce lamentou:

– Me pedistes, te ajudei: felicidade e fartura te dei. Em troca pedi apenas a liberdade plena para, ao anoitecer, poder me revelar e ser a sereia que sou e que em ti confiou.

Dizem que depois do acontecido, as lavouras da aldeia secaram, as redes esvaziaram, as cabras e as galinhas definharam. Raimundo jamais se perdoou e, em busca de Iara, nas águas do rio se afogou.

Entrou por uma porta, saiu por outra e quem quiser que conte outra.

Marilia Pirillo é gaúcha. Publicou seu primeiro livro, *Baratinada* em 2008. Tem, hoje, 12 títulos publicados como escritora e mais de 70 livros com ilustradora. Este reconto apresenta uma lenda melusiana abasileirada. Melusina é uma personagem do folclore europeu, um espírito feminino das águas e das fontes sagradas geralmente representado como uma mulher serpente ou peixe da cintura para baixo.

O SEGREDO DO REI

Mônica Albertino

Mais um dia despontava. Dentro do castelo, no final do corredor imenso e atrás da porta de madeira grossa, um homem do povo e um monarca sussurravam sobre um segredo que apenas eles conheciam.

Ele usava uma peruca cheia de cachos, que era retirada a cada vez que cortava os cabelos. Sim, o rei tinha cabelos. Ninguém, além do velho barbeiro, sabia disso.

Um dia, chegou ao castelo a notícia de que o barbeiro do rei estava muito doente. Dias depois ele morreu.

O rei ficou muito triste e preocupado. E nesse momento lembrou-se de algo que o seu avô sempre dizia: “A quem sabe esperar, o tempo abre portas”.

Dias, semanas e meses se passaram e o cabelo do rei continuava a crescer e começava a aparecer por debaixo da peruca.

Pois bem, ele decidiu que já era tempo de achar um novo barbeiro e uma ideia lhe ocorreu. Deixaria um cartaz na feira que acontecia todo sábado perto dali. Entre frutas,

legumes, verduras, móveis e animais, ele haveria de achar um barbeiro. E assim foi feito.

Na semana seguinte, um comunicado foi preso a uma árvore e agora todos sabiam que o rei precisava de um BARBEIRO JOVEM, EFICIENTE E RESERVADO.

Ao final daquele dia, ninguém apareceu. E nem no outro. Na outra semana também não. Mas, numa noite sem lua, bateram na porta do castelo. Era um candidato a barbeiro vindo de um reino distante. Ele foi contratado.

Ambos se dirigiram para o final do corredor imenso e pararam atrás da porta de madeira grossa. O rei sentou-se em sua cadeira e retirou a peruca. O barbeiro abriu a boca e permaneceu assim, em choque.

O rei já foi avisando, muito sério, que se aquele segredo saísse dali ele mandaria matar o indiscreto.

Imediatamente, o jovem fez o serviço, agradeceu a oportunidade e foi muito bem remunerado. Mas algo estranho acontecia com ele e pensava sem parar no segredo difícil de engolir. E estava morrendo de vontade de contar para todo mundo.

A caminho de casa, viu um morro e resolveu se livrar daquela situação. Cavou um buraco bem fundo, enfiou a cabeça lá dentro e gritou:

O REI NÃO TEM ORELHA, POR ISSO ELE USA PERUCA VEEEEEEELHAAAAA!!!

Rapidamente, fechou o buraco e enterrou para sempre o segredo. Ufa!

O tempo passou e no alto daquele morro nasceram bambus. E numa manhã de sol, um músico viajante que passou por ali resolveu fazer flautas para vender. E qual não foi a sua surpresa ao assoprar o instrumento. A flauta era mágica e tocava uma música assim: “O REI NÃO TEM ORELHA...”

– Vou vender essas flautas naquela feirinha ali embaixo e tenho certeza que vou ficar rico!

No castelo, o rei ouviu a canção e ficou zangado. Ficou trancado no quarto real e pensou durante muito tempo. Depois, tomou uma decisão.

Ao aparecer na porta do castelo, o povo, surpreso, silenciou. Até que uma criança perguntou o que estava acontecendo e todos responderam ao mesmo tempo que o

rei não tinha uma orelha. A criança ficou cismada com aquilo e resolveu perguntar:

– E O QUE É QUE TEM?!

O povo na feira se fez a mesma pergunta e não conseguiu responder. “O que é que tem?”

Perto da barraca das frutas, alguém comentou:

– Uaaauuu! Até que o rei ficou bonitão sem aquela peruca velha, hein?

O monarca sentiu um grande alívio. Na verdade, a peruca vivia a lhe esquentar os miolos.

E depois desse grande dia, a peruca do rei só saía do castelo uma vez ao ano: no carnaval!

Mônica Albertino é arte educadora, pedagoga, especialista em Dificuldades de Aprendizagem e, através da sua empresa *Aventura com Literatura*, aproveita para ensinar e aprender. Em *O Segredo do Rei* a história do monarca desperta nos leitores desprezo e empatia. Qual das emoções prevalecerá no final?

O CORONEL E A FLOR DO SERTÃO

Patrícia Montês

Laurentino era homem de muitas posses. Centenas de cabeças de cabras, lavoura farta, terras que iam de um lado ao outro, a perder de vista. Ao centro, uma imensa casa de assoalhos de jatobá, cheia de quartos e saletas com delicadas cortinas de renda, louças finas numa cristaleira e abundante criadagem.

O mais abastado de todos os coronéis, conhecido como “reinante do sertão”, tão respeitado quanto invejado, tinha todas as riquezas, mas ainda faltava-lhe uma – o coração de uma donzela. Se por um lado sobravam-lhe bens, por outro carecia de aparência que despertasse o amor de alguma moça. Nascera com cabelo cor de fogo e cresceu-lhe também uma barba imensa e vermelha, dando-lhe a horripilante aparência de cachorro do mato. Pobre Laurentino!

Eram abundantes os comentários e mexericos sobre o coronel. O povo inventava de tudo um pouco. Diziam que ele era mau e furioso, mas ninguém sabia ao certo o que

era mentira ou verdade. Sabia-se apenas, que era fato ocorrido, que por três vezes Laurentino tentou desposar umas cabritas. Ninguém sabe como, as moças desapareceram e casório não houve. Mas o coronel era casmurro. Apesar do tempo se arrastar por aquelas bandas longínquas do sertão, ele não desistia de encontrar uma jovem que pudesse desposar.

As festas de fogueira tinham chegado. A vila estava repleta de gentes e animais que percorriam as ruas de terra em vagarosa procissão. O coronel, elegante em seu terno branco e com suas botas de couro, acompanhava a multidão, ora causando curiosidade, ora espanto. O povaréu olhava o coronel com verdadeiro assombro!

Mas naquela noite de festa, diante da fogueira alumiada, Laurentino foi surpreendido. Uma jovem, filha de um simples criador de cabras, aproximou-se dele com querença e sem temor. Prosearam longo tempo e, admirado ficou ao notar que moça tão simples possuía tanta inteligência, além de muita belezura. Seduzido por seus encantos, não tardou a pedir sua mão em casamento.

O pai sarapantado, mas dividido entre a felicidade da filha e as muitas terras que ganharia do futuro genro,

consentiu no pedido. O casório se realizaria em um mês, com grande festança. Enfim, o tenebroso coronel desposaria sua donzela!

Os futricos, mexericos e comentários foram ainda mais numerosos. Será que a moça gostava mesmo do coronel ou estaria apenas interessada em sua fortuna? Poderia uma jovem tão bela amar uma figura tão horrenda? Não demorou para que línguas maledicentes, ardidadas que nem malagueta, enchessem de mentiras a cabeça e o coração do coronel.

Pobre homem, deixou-se enredar pela inveja de compadres e o despeito de comadres mal amadas, fazendo-o duvidar do amor e da pureza de sua noiva.

Atordoadado, o coronel mandou buscar a jovem para que ela confessasse a verdade. Ao chegar na fazenda, a moça apavorou-se. Seu noivo tinha virado um bicho! Enfurecido e mais vermelhusco que nunca, berrava descontroladamente e a chacoalhava para que dissesse a verdade. Chocada, a pobre não balbuciava palavra alguma. Com mais raiva ainda, ele a arrastou pelos cabelos e a trancou na despensa.

Não havia janela. Luz alguma penetrava o lugar. O cheiro era forte, embrulhou o estômago da moça. Atemorizada, tentou mover-se, procurando algo para se escorar. Deu dois passos e sentiu um líquido viscoso debaixo dos pés. Tentou alcançar a parede, mas agarrou umas coisas moles e pegajosas que lá estavam penduradas. Imediatamente, lembrou-se dos casos que tinha ouvido sobre o misterioso sumiço das jovens com quem o coronel iria se casar. Acreditando serem as moribundas dependuradas e pensando que teria o mesmo fim, a jovem desabou a chorar. Soluçava tão desesperadamente que assustou toda a criadagem. E até o coronel.

Num relampejo de compadecimento, Laurentino destrancou a porta. A moça gélida e envolta no mesmo relampejo, jogou-se aos seus pés e rogou por piedade. Ela, então, propôs-lhe dar uma prova de seu amor. Que ele saísse a procura de uma flor de mandacaru. Ela ficaria na fazenda a sua espera. Se ao retornar, ele ainda a encontrasse, ficaria certo de que o amava. Senão, poderia persegui-la até os confins do mundo e vingar-se por sua mentira.

Assim o coronel fez, saiu pelos sertões à procura da flor. Levou dias e semanas até encontrá-la. A planta era bruta, feia, espinhenta. A flor, delicada, a mais linda que jamais tinha visto. Mais que depressa, retornou à fazenda. Surpreendentemente, a jovem o esperava. O casório se realizou e fizeram uma grande festança. Serviram aos convidados, as carnes e as tripas dos bodes que estavam pendidos na despensa, bem passadas na banha de porco.

Na imensa casa da fazenda, ouviam-se dia e noite, noite e dia, as brincadeiras e gargalhadas dos recém-casados. Laurentino e sua jovem esposa viveram muito felizes. O tempo, generoso, concedeu-lhes o favor de abraçarem seus bisnetos.

Já os coronéis cobiçosos e as comadres mal-amadas provaram da fúria do coronel e, nunca mais ninguém ouviu falar deles naquelas bandas longínquas do sertão.

Patrícia Montês é carioca, artista plástica e autora de literatura para crianças e jovens. Publicou em 2019 seus primeiros livros, *Felipo, o gato violinista* e *O Segredo da Árvore* (Editora Tigrito); e em 2020 o e-book, *Sete Historietas*

Fantásticas sobre o Amor. Este reconto baseia-se no conto *O Barba Azul*, Foram consultadas, a versão original de Charles Perrault e a versão *O quarto do Barba Azul*, de Angela Carter.

**A VERDADEIRA HISTÓRIA DE
PENA VERDE E FIEL**

Selma Lara

Dizem que, há muito e muito tempo atrás, na aldeia dos “Acredite quem quiser”, uma indiazinha chamada Luz estava fazendo seu passeio matinal, no meio da floresta, conversando com os pássaros, dando bom dia aos animais, reverenciando a natureza, como fazia todos os dias, quando, de repente, começou a ouvir um choro de bebê vindo bem de longe, do meio da floresta encantada. Olhou, olhou... procurou em todos os cantos e nada encontrou...

Luz correu em disparada para a aldeia, pois precisava buscar ajuda para descobrir de onde vinha aquele estranho choro de bebê bem no meio da grande mata.

Chegou à aldeia esbaforida e mal conseguia falar de tão ansiosa que estava com o que tinha acontecido. Quando voltou um pouco à calma, explicou tudo a seu pai, o forte e sábio cacique Nuvem Alta.

Nuvem Alta chamou vários companheiros da aldeia para uma busca na floresta encantada e descobrir de onde vinha aquele choro de bebê que Luz dizia ter ouvido.

Ao chegarem à floresta, bem no lugar em que Luz indicara ter ouvido o choro de bebê, nada encontraram, além dos animais e pássaros de costume. Luz ficou indignada e explicou que tinha dito a verdade. Sentiu-se muito mal, pois parecia que tinha mentido ou que estava enganada...

De repente, do nada, todos começaram a ouvir o forte choro de bebê, vindo bem de longe, da direção da Pedra Alta, que ficava no coração da floresta. Correram em busca do som e, ao chegarem ao local de sua origem, lá encontraram um recém-nascido, dentro de uma cesta entre folhagens e, por estranho que pareça, havia ao seu redor uma grande cobra, como se fosse um guardião e protetor. Todos ficaram calados e meio assustados, mas sabiam que a mãe natureza era sábia e que todos os seres estão conectados.

O cacique Nuvem Alta começou a emitir uns sons harmoniosos em direção à grande cobra e ela começou a se

desenrolar de volta do corpo do bebê como se estivesse entendendo que estavam ali para ajudar e protegê-lo.

Luz pegou a cesta com o bebê no colo, Nuvem Alta pegou a cobra e todos os companheiros que estavam ali ficaram emocionados com tudo que tinham visto.

Voltaram para a aldeia do “Acredite quem quiser” e se reuniram em um grande círculo como sempre faziam para compartilhar com todos o que acontecia na grande família e contaram tudo o que tinha acontecido.

Em seguida, colocaram o bebê e a cobra no meio do círculo e fizeram uma cerimônia com os dois novos integrantes da aldeia, cantando a música de celebração que os acompanharia e seria cantada em todos os momentos importantes e ritos de passagem de suas vidas.

O bebê recebeu o nome de Pena Verde e a cobra foi chamada de Fiel.

Selma Martinez Simões Rodrigues de Lara é mestre e doutora em Educação pela Faculdade de Educação da USP (FEUSP) na linha temática de Psicologia e Educação. Tem ampla experiência profissional como professora e gestora

escolar. Atualmente, atua como professora e coordenadora pedagógica no Ensino Superior, além de multiplicadora de projetos e programas referentes à Justiça Restaurativa e à Cultura de Paz.

PARTE IV
CONTOS PÓS-MODERNOS



A ONÇA E O BODE

D. J. Galvão

O Bode estava incomodado com a sua atual moradia. Era apertada e barulhenta, com humanos cada vez mais próximos da sua floresta. Não que ele tivesse algo contra as modernidades da cidade grande. Até gostava de ter sinal de *wi-fi* liberado, e de ver as luzes *piscantes* das janelas, nas casinhas dos morros. Mas a música do baile funk, que vinha de uma comunidade próxima, todas as sextas-feiras à noite, atrapalhavam muito o seu sono. Além disso, ele sentia falta de ver luzes *piscantes* das estrelas de verdade. Por isso, juntou seus poucos pertences em um pedaço de trapo, amarrou-o em um bastão e partiu.

Afastando-se do povoado, nem havia caminhado duas horas, quando se deparou com uma linda clareira, com vista para o sol poente. A brisa era fresca e cheirava a capim molhado.

“Demorou! É aqui que eu vou amarrar o meu bode!”, pensou.

O Bode só não contava que uma velha onça de hábitos noturnos também estivesse em busca de uma nova moradia. A Onça havia se mudado do interior da floresta em busca de uma pousada mais próxima da cidade. Onde o sinal do *wi-fi* pegasse melhor e que ela pudesse caçar animais domésticos para se alimentar. Correr atrás de animais selvagens estava ficando por demais cansativo. Estava velhinha e, segundo as amigas da Onça, ela dizia que “quem tem que correr é a bola”. Parafraseando o craque Romário. Essa onça gostava muito de futebol!

Naquela mesma noite, a onça subiu quatro travessões e montou a estrutura de uma espaçosa moradia, porém sem teto e forração. Ao raiar do dia ela embrenhou-se floresta adentro em busca de alimento, e para jogar conversa fora com suas amigas.

O Bode não tardou a chegar e ficou espantado com a estrutura montada no local escolhido para a sua nova moradia. “Me dei bem! Arrumei um sócio. Ou sócia! Quem sabe é uma cabra simpática que gostaria de juntar os cascos em uma vida a dois?”

O Bode chegara à conclusão de que seria alguém que havia considerado interessante investir com ele naquela

moradia. Olhou ao redor em busca de alguma pista sobre a suposta futura companheira, e, para não a decepcioná-la, colocou mãos à obra.

À noite, a nova moradia estava forrada e assoalhada. Ficou ampla, espaçosa e com vista para o pôr do sol. Banhou-se no riacho de águas claras que passava ao lado da moradia e aguardou pela chegada da futura companheira.

Qual não foi o seu espanto ao ver adentrar a sorridente Onça, pela única porta do recinto! Ela olhou ao redor e mostrou-se contente ao ver as instalações concluídas.

O Bode, com a cara assustada, quis jogar-se pela janela em fuga desesperada. Antecipando à sua intenção, a Onça apressou-se em findar com aquela tensão.

– Calma, seu Bode! – disse mansinha. – Fique tranquilo, que nenhum mal lhe farei. Estou muito feliz com a sua obra e lhe confesso que até gostei.

– Se o resultado lhe agrada, fico contente e animado. Mas perdoe a minha pressa, pois já estou bastante atrasado – disse o Bode aflito, já saindo do recinto.

Dava para sentir o pânico do Bode no ar, mas a velha Onça queria mantê-lo por perto.

“Vai que um dia eu não esteja disposta a caçar e o Bode esteja por ali dormindo...”

Só que o mesmo pensamento povoava a mente do Bode.

“Se eu ficar dando mole por aqui, essa onça velha vai me jantar. Nem se dará ao trabalho, de para o *Ifood* ligar!”

Apesar do clima de estranha tensão, a Onça convenceu o Bode a esperar que ela lhe trouxesse um almoço como forma de agradecimento pela bela obra e para mostrar que poderiam ser amigos e conviver naquela morada.

A Onça saiu para caçar e minutos depois jogou a frente da porta uma cabra morta, com o corpo ainda quente. O Bode perdeu a cor e por pouco não desmaiou.

– Agora é contigo, Bode – disse a Onça. – Amanhã será seu dia de a refeição ir buscar. Estou ansiosa pela guloseima com que irá me presentear.

O Bode passou a noite com um olho no peixe e outro no gato. Digo, um olho na Onça e outro na porta. Precisaria de uma ideia genial para sair daquela enrascada.

Com essa disposição, saiu da morada ao alvorecer, enquanto a Onça ainda ronronava. Estava decidido a fugir dali quando a sorte lhe sorriu. Uma jovem onça havia caído em uma armadilha, armada pelos caçadores da floresta. Estava morta. Suspensa por uma corda e presa a um galho. Com muito esforço, o Bode removeu a jovem onça e a arrastou para a porta da morada.

– Está aí a sua refeição, amiga Onça. Prefere coxa ou sobrecoxa? – perguntou.

“Isso não é um bode! É um Pokémon evoluído!”, pensou a Onça assustada.

– Como foi que você fez isso, amigo Bode? Como matou este jovem animal?

– Você reparou que dos meus quatro cascos, apenas um é negro. Então, basta apontar esse casco para a minha caça que ela cai morta no mesmo instante! Quer ver?

Não houve tempo para ouvir a resposta da velha Onça, que se embrenhou mato adentro e nunca mais foi vista por aquelas paragens. O Bode, que não queria se arriscar a voltar a vê-la tão cedo, retornou para sua antiga moradia. Comprou um boné irado do *Animal Planet* e

passou a curtir os bailes funks, todas às sextas-feiras à noite, na comunidade.

D. J. Galvão é carioca, engenheiro por formação, com doutorado em Economia e apaixonado por livros. Após ter sido pré-selecionado na “2ª Chamada de Originais Infantis e Juvenis”, promovido pela Editora Bambolê iniciou sua carreira como escritor em 2018. As aventuras infanto-juvenis de Giovana e sua turma já estão no 3º volume e foram inspiradas em viagens, sonhos e fantasias que compartilhou com suas duas filhas, em vários estados do Brasil.

O REINADO DE RATOARO

Juliana Bumbeer

Você conhece a história das doninhas e dos ratos? Há muito tempo as doninhas, seres carnívoros e impetuosos, conseguiam devorar muitos ratos que, assustados, se organizaram para que a matança não mais ocorresse entre seus pares. Não vou contar toda a história, já que faz tempo que isso aconteceu e há quem diga que hoje a dificuldade entre ratos e doninhas tenha sido resolvida.

Bem, o tempo passou e hoje, no reino dos bichos, tanto ratos quanto doninhas possuem uma vida bem tecnológica. Parece que as doninhas não mais atacam os ratos como antigamente. Há quem diga que alguns ratos enriqueceram e possuem um grande estoque de queijo, que adquiriram por meio do lucro e da capacidade de serem *bons influenciadores digitais*. Eles até mesmo se intitulam *bibliotecas vivas*, dizendo que os livros não são mais necessários, pois são esses ratos os próprios livros da modernidade. Dizem que não há mais necessidade de leituras, apenas de obediência ao controle das palavras,

que os ratos mais poderosos julgam ser suficiente para viver.

O chefe das redes sociais dos roedores, o rato Ratoaro, conseguiu uma grande quantidade de seguidores e se diz o controlador da fraternidade entre os ratos. Em discursos emocionados, coloca o reino dos ratos acima de tudo e ele, claro, o poderoso Ratoaro, acima de todos. Ele também criou uma bandeira no reino dos ratos e nela estampou sua própria imagem. Há ratos de todos os cantos que se alegram e cantam satisfeitos em louvor a Ratoaro, guinchando palavras repetidas que até parece dar alívio ao cansaço do dia de trabalho. Esses ratos obedientes, só pelo fato de sentir o cheiro do hálito de queijo vindo da boca de Ratoaro, sentem-se saciados. É como se todos os ratos também comessem desse grande queijo, mesmo que sejam apenas os arrotos da boca podre de Ratoaro.

E o perigo das doninhas? Parece não haver mais, pois estas estão controladas pelo poder de Ratoaro que, segundo ele, tem assegurado que nada de mal aconteça no reino dos ratos. Mas Ratoaro adverte que todos precisam obedecê-lo para que essa nova ordem seja mantida; caso contrário, todos serão devorados pelas doninhas, assim

como ocorreu no passado, quando elas os atacaram e muitos ratos foram esfaqueados pela fome sangüinária dessas carnívoras.

Porém, ainda há os ratos desobedientes que desconfiam do poder e da segurança apresentada por Ratoaro: será que hoje estamos livres das doninhas? Há outro problema, alguns ratos têm desaparecido... Será que as doninhas não estão ao redor, matando-os silenciosamente? Mas Ratoaro não fala sobre esse assunto e, quando abordado, diz que é *fake news*.

Os ratos desobedientes começam a advertir sobre o perigo das doninhas e curiosamente muitos deles também estão desaparecendo. Por precaução, alguns ratos criam tocas afastadas da cidade principal controlada por Ratoaro, chamando outros ratos para construir mais e mais tocas e se precaverem do ataque das doninhas que acreditam estar silenciosamente acontecendo agora mesmo...

Mas os ratos obedientes acreditam em Ratoaro, o qual irá protegê-los de qualquer perigo. Após um tempo, enquanto Ratoaro trabalha para aumentar sua quantidade de queijo e seguidores, as doninhas aparecem e pegam todos de surpresa! No início, Ratoaro parece não temê-las e

diz aos seus seguidores que também não as temam, pois ele iria destruir todas as doninhas pelo poder da verdade. Mas enquanto Ratoaro guincha esse discurso, a chefe das doninhas o ataca pelo pescoço e os ratos ficam apavorados. Muitos deles são mastigados vivos, à vista de todos. E Ratoaro, quase morto, dando seu último suspiro, pergunta à chefe das doninhas, que estava agarrada ao seu pescoço:

– Vocês me...traíram...não combinamos...assim...

Mas a doninha olha nos olhos quase fechados de Ratoaro e responde:

– Você acha que vamos acreditar em quem não poupa nem mesmo seus familiares? Você é sanguinário como nós, mais creio que seja mais perigoso do que todas as doninhas juntas!

E assim morreu Ratoaro, mastigado pela chefe das doninhas. Também morreu aos poucos o seu reino, bem como seus seguidores. Há quem diga que a grande quantidade de queijo estocada por Ratoaro apodreceu e fede até hoje. Ainda bem que sobraram alguns ratos para continuar contando a história e, quem sabe, reconstruir um novo reinado. Esses ratos desobedientes, ao criarem suas tocas afastadas, conseguiram se esconder das doninhas e se

livraram de ser devorados. Eles também levaram consigo muitos livros que foram descartados por Ratoaro e construíram bibliotecas subterrâneas que aos poucos estão sendo emergidas desses esconderijos. O que será que esses livros têm a nos dizer?

Juliana Bumbeer é curitibana, professora, escritora, ilustradora e compositora musical. Publicou em 2020 o livro *Rei Doidão Alfa e As Equações Gripadas* (Insight Editora). Para conhecer melhor sua produção, acesse: www.oreidoidao.com.br

A CARTINHA DO PRÍNCIPE

Patrícia Aparecida Beraldo Romano

Sítio do Picapau Amarelo, ano de 2020.

Caro senhor Monteiro Lobato,

Estou eu aqui nesse recanto tão tranquilo do Sítio onde cresceram todas as suas personagens infantis. Talvez eu seja a mais antiga delas, afinal, enquanto elas eram crianças, eu já era um peixinho adulto e príncipe, sim senhor, com longas e brilhantes barbatanas. Aqui, nas águas muito apressadinhas e mexeriqueiras, ainda correm a nadar – por entre as negras pedras de limo, que Lúcia, a nossa Narizinho, chamava de “as tias Nastácias do rio” – os meus parentes grandes e miúdos, a se divertirem com as águas cristalinas e borbulhantes da pequena queda d’água que desemboca no riacho. O senhor já não mora mais neste lugar mágico. Foi-se embora há muito tempo, mas deixou nossa imagem consagrada entre as crianças que, ainda hoje, querem bailar comigo, o Príncipe Escamado, ou esperar

por um vestido furta-cor de dona Aranha, a costureira das fadas!

O senhor deve estar se perguntando o porquê dessa minha cartinha, depois de tantos anos, não é mesmo? Pois me bateu uma enorme saudade da turminha do Sítio e dos leitores dela! Veja só o que me aconteceu há pouco tempo. Estava eu aqui pela beira do riacho, numa tarde tranquila de verão quando vi uma mãozinha se aproximar de mim. Eu, muito sorrateiro, já fui me apegando àqueles dedinhos pequeninos e matreiros e me deixei levar. Pois qual não foi minha surpresa: fui colocado em algo plástico, com muito pouca água e transportado para dentro de sua antiga residência. Fiquei assustado, confesso. Achei que tivesse chegado o meu fim. Mas que nada! Fui realocado para um espaço muito bonito, com pedrinhas coloridas, muito mais furta-cores do que as do fundo do riacho e dei de cara com uma série de outros parentes meus: uns enormes, outros minúsculos; uns coloridos, outros de uma cor apenas.

Passei a observar tudo ao meu redor. Sabe o que mais me impressionava? O cheiro bom que penetrava na água todo final de semana. Cheiro de comida, e comida caseira, igualzinha à de Tia Nastácia, quando todos nós fomos

visitar o Sítio! A única tristeza é que não foi ela quem eu encontrei por lá, mas uma senhora a quem uma moça chamava de “mãe”! E a quem crianças, inclusive a que me pegou no ribeirão, chamavam de “vó”. Imediatamente imaginei se tratar de Dona Benta, mas não era ela.

Do aquário, eu também via as pessoas que entravam e saíam da antiga casa grande. Ao entrarem, escutavam uma apresentação sobre o lugar, sobre o senhor e sua família, inclusive sobre o visconde, seu avô, que mandara construir tal casa. Sim, senhor Lobato, o visconde de Tremembé e a viscondessa, sua esposa. E as pessoas também desejavam descobrir se havia mobília ainda que pertencera ao senhor e sua família. Ao ouvirem um “sim,” ficavam encantadas, em especial com a escrivanhinha. O almoço vinha na sequência. Tinha comida de todo tipo, cujos nomes eu ia anotando e descrevendo, para não esquecer e para aprender, pois Narizinho sempre dizia que eu era meio difícil de aprender.

Pois voltemos à aventura do Príncipe Escamado, em antigas terras da casa grande do senhor Lobato. Eu me aventurei a sair do aquário e me lembrei de que trazia no bolso uma das pílulas do Dr. Caramujo. Sim, senhor

Lobato, o mesmo que deu a pílula da falinha à Emília. O Dr. Caramujo era um danado de esperto e conseguiu reinventar a fórmula enterrada com o antigo besouro boticário que as inventara. Bem, bastou engolir uma e... zás, deu certo, saí do aquário, já meio homem, meio peixe, e me dirigi à boa senhora para me apresentar. Ela, como eu esperava, levou um susto, mas se deixou seduzir por meu charme e gentileza.

A vovó me achou lindo no meu terno furta-cor e logo me ofereceu suas guloseimas. Enquanto me deliciava com elas, tentei explicar quem eu era, mas creio que, embora moradora da sua antiga casa, ela não era afeita à leitura das suas obras. Uma pena. Conte-i-lhe sobre minhas intenções: ser apresentado como o Príncipe Escamado a todas as visitas da casa. Imagine o sucesso, eu disse! Senhor Lobato, esse foi meu erro, pois a senhora achou que eu era um mentiroso. “Um peixe, e ainda por cima, príncipe”? Foi demais para a senhora. Ela foi se assustando comigo, quando lhe mostrei minhas barbatanas, escondidas, sobre o blazer, e minha cauda, amarrada e presa à calça. E... de repente... Puf! Caiu, esborrachada no chão.

Os homens que ali trabalhavam a acudiram, mas acharam que eu era um ser perigoso, saíram correndo atrás de mim. Segurei fortemente minha cauda de peixe e zás, passei correndo pela porteira do pomar desejando ouvir Tia Nastácia chamar e todo aquele alvoroço desaparecer. Enfim, tive de pular, ainda meio homem, no riacho, onde o feitiço da pílula se desfez. Afundei nas águas do ribeirão do Sítio, senhor Lobato, para de lá nunca mais sair.

E é daqui, desse espaço mágico, que lhe escrevo, na esperança de que seus textos continuem a ser lidos e relidos, pois só assim continuaremos vivos e amados por todos, crianças e adultos, que ainda acreditam na magia de uma pílula falante ou no pó do Pirlimpimpim ou ainda no fechar dos olhos e deixar-se levar pelo poder da imaginação.

Saudações, senhor Lobato, do Reino das Águas Claras.

Príncipe Escamado

Patrícia Aparecida Beraldo Romano é paulista, professora na Universidade Federal do Sul e Sudeste do

Pará, campus de Marabá. É autora de *Dona Benta: uma mediadora no mundo da leitura* (2019), pela Editora Appris. O livro recebeu indicação para a Feira de Bolonha (2020). Este relato é livremente inspirado na obra *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Os contos populares fazem parte das variadas culturas dos povos. Neste livro, resultado de um curso concebido pela AEILIJ em 2020, vários autores pesquisaram enredos, viajaram nas histórias e recontaram algumas narrativas. São recontos cheios de elementos encantados, provenientes de várias partes do mundo, mas que aterrissaram no imaginário desta nossa terra brasileira.